

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES

**SOFALA NA ROTA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL:
UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS ANÁLISES TÉCNICO-
MORFOLÓGICAS DAS CERÂMICAS**

Omar Madime



(Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia)

Supervisores: Nuno F. Bicho (Universidade do Algarve - Portugal)

Cossupervisor: Hilário Madiquida (Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique)

Faro, Setembro de 2015

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

SOFALA NA ROTA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS ANÁLISES TÉCNICO-MORFOLÓGICAS DAS CERÂMICAS

“Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída”.

Omar Madime

Copyright

2015

“A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou em forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Prof. Doutor. Nuno Bicho pela supervisão e orientação do trabalho da tese, amizade e simpatia durante os anos de estudo. E de igual forma agradeço ao Dr. Hilário Madiquida, pelo aconselhamento, orientação, amizade e cossupervisão do trabalho final.

Agradeço também a todos professores e funcionários da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Artes e Humanidades, da Universidade do Algarve, pelas aulas concedidas, bem como de toda inestimável ajuda concedida durante o curso, com maior consideração aos meus professores diretos, nomeadamente, Professores Doutores, António Faustino Carvalho, João Bernardes, Joaquim Luís, Maria Valente, Telmo Pereira e Cristina Veiga-Pires. A minha profunda gratidão também é dedicada especialmente para colegas e amigos do Gabinete de Paleoecologia da Universidade do Algarve, designadamente, João Cascalheira, João Marreiros, Eduardo Paixão, Ana Curto, Patrícia Monteiro, Célia Gonçalves, Daniela de Matos e Rita Dias pela sua amizade e simpatia durante o trabalho. Não me esqueço de agradecer os meus colegas do curso, Mussa Raja e Sónia Lopes pelo apoio e espírito de camaradagem durante as nossas atividades letivas.

Ainda sinto-me muito grato pela Fundação Para Ciência e Tecnologia (FCT) por ter financiado a minha bolsa de Investigação. E do mesmo modo, sinto-me imerecidamente grato pelo Prof. Nuno Bicho, por ter aberto espaço para minha integração no projeto *PTDC/EPH-ARQ/4998/2012 “Middle Stone Age Archaeology and the Origins of Modern Human in Southern Mozambique*, criando desta forma, espaço de contínuo treinamento e capacitação em matéria de escavação, sondagem e prospeção arqueológica, quer em Moçambique, quer em Portugal. Agradeço também a todos colegas do DAA e da UEM em geral pela cooperação com a Universidade do Algarve, tornando possível a integração de estudantes do mestrado.

Agradeço à toda minha família pelo encorajamento, apoio para que eu continue com a formação. Mais atenção é dedicada a minha esposa Sónia Macave pelo seu amor durante o tempo de muito sacrifício.

Meu profundo agradecimento é extensivo a todos aqueles que embora não tenham sido aqui mencionados, direta ou indiretamente o seu esforço foi muito relevante para que a minha formação fosse um sucesso.

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados da análise técnico-morfológica da cerâmica para o estudo das trocas comerciais em Sofala, local com favorável localização geográfica e abundância de vários recursos, desta feita tornando-se espaço de cruzamento e estabelecimento de diferentes comunidades, desde a antiguidade até o século XVI. No âmbito desta relação intermitente, várias culturas foram assimiladas, reproduzidas e outras substituídas.

Para os Portugueses, Sofala constituiu um local estrategicamente favorável à navegação marítima e de acesso às zonas do interior das minas de ouro. Foram estas razões que ditaram a construção da fortaleza de São Caetano, servindo como ponto de abastecimento do comércio marítimo e de trocas comerciais. Os produtos locais principalmente o ouro e marfim permitiam aos portugueses participar no comércio de especiarias e tecidos indianos, seda e porcelana chinesa, ao longo da costa do oceano Índico, durante os séculos XVI e XVIII.

Palavras-chave: Análise macroscópica, cerâmica, comércio e Sofala

ABREVIATURAS

a. C. – Antes de Cristo

AD – Ano Domínio

AHM – Arquivo Histórico de Moçambique

d. C. – Depois de Cristo

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

EMI – Enciclopédia Mirador Internacional

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IF - Idade de Ferro

IFI – Idade de Ferro Inferior

IFS – Idade de Ferro Superior

IP – Idade da Pedra

MAM – Missão Antropológica de Moçambique

NMI – Número Mínimo dos Indivíduos.

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

Índice

DECLARAÇÃO DE AUTORIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABREVIATURAS.....	v
Índice	1
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	3
1.1. Objeto de estudo	3
1.2. Motivação e justificativa.....	3
1.3. Objetivos.....	3
1.3.1. Objetivo geral.....	3
1.3.2. Objetivos específicos	4
1.4. Problematização.....	4
1.5. Hipóteses.....	7
1.6. Estrutura do trabalho.....	7
CAPÍTULO II: MATERIAL E METODOLOGIA.....	8
2.1. Pesquisa bibliográfica	8
2.2. Análise macroscópica da coleção	8
2.3. Equipamento de análise	9
2.4. Desenho e fotografias	10
2.5. Caracterização.....	10
2.6. Definição de conceitos	10
CAPÍTULO III: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DO LOCAL	15
3.1. Sofala	15
3.2. Localização da estação.....	16
3.3. Características ambientais.....	18
3.3.1. Geologia, hidrografia, relevo e solos	18
3.3.2. O clima, precipitação e temperatura.....	19
3.3.4. A fauna.....	19
CAPÍTULO IV: CARATERIZAÇÃO DA FORTALEZA.....	21
CAPÍTULO V: HISTÓRIA DA REGIÃO E ANÁLISE DAS FONTES ESCRITAS	23
5.1. Período pré-colonial.....	23
5.2. Análise das fontes escritas	25

5.2.1. Fontes antigas.....	25
5.2.2. Fontes árabes.....	26
5.2.3. Fontes portuguesas.....	27
CAPÍTULO VI: HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA DA IDADE DO FERRO EM MOÇAMBIQUE	29
CAPÍTULO VII: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO MATERIAL	33
7.1. Composição da amostra	33
7.2. Número mínimo dos indivíduos (NMI)	34
7.3. Caracterização da coleção.....	34
7.3.1. Cerâmica local.....	35
7.3.2. Faiança	43
7.3.3. Porcelana.....	47
CAPÍTULO VIII: DISCUSSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
ANEXO 1: INVENTÁRIO DA COLEÇÃO	62
Cerâmica local	62
Faiança	68
Porcelana.....	70
Anexo 2: Fotos da coleção.....	76
Bordos dos pratos da cerâmica local.....	76
Bordos dos potes da cerâmica local	77
Bases da cerâmica local	79
Bases da faiança.....	81
Bordos da Porcelana	82
Bases da porcelana.....	85
Anexo 3: Desenhos Da Cerâmica Local	87

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1. Objeto de estudo

O presente trabalho analisa a cerâmica proveniente da província de Sofala, distrito de Búzi, na zona da antiga fortaleza de Sofala, na área de entre marés, a fortaleza de e então, povoação, sendo o código da estação 2034 Bb3 (20° Sul e 34° Este, quadrante Bb, contendo 3 estações). A cerâmica foi recolhida *in situ* por Armando Reis Moura¹, em Agosto de 1968, na zona da Ponta de Sofala. Todo material é composto por três grupos tecnológicos: a) cerâmica local africana, b) faiança e, c) porcelana.

1.2. Motivação e justificativa

A escolha do presente tema justifica-se pelo fato de a cerâmica ocupar um lugar de destaque na cultura material moçambicana e atualmente constitui, o vestígio arqueológico mais estudado fornecendo informações sobre as comunidades, modo de vida, atividades económicas, cronologias, aspetos culturais, tecnologia.... Também a disponibilidade de muitas coleções cerâmicas no Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Universidade Eduardo Mondlane, que ainda não foram estudadas, exige um esforço para o seu estudo.

As análises tecno-morfológicas e funcionais das cerâmicas ofereceram novas informações sobre contacto, mudança e interação cultural e económica entre comunidades em Sofala. Estes dados possibilitaram a reconstrução e reinterpretação da história desta região, desde finais do primeiro milénio, até século XIX, momento da sua vigência.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

A região de Sofala, a partir do início do segundo milénio AD, estaria ligada ao comércio internacional com o Golfo Pérsico. Em 1502, os portugueses fixaram-se em Sofala possivelmente para controlar as rotas comerciais provenientes do interior, principalmente, o escoamento do ouro. O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a questão das

¹ Armando Reis Moura (1931 -), cidadão português, formado em ciências pedagógicas, geológicas e biológicas, e investigador do património marítimo. Foi diretor do Departamento de Ciências Biológicas do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, e professor da Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia (Moura 1972).

ligações de comércio a longa distância entre as comunidades locais e estrangeiras na área de Sofala através da análise tecno-morfológico e funcional da cerâmica da antiga feitoria de Sofala.

1.3.2. Objetivos específicos

1. **Definir e caracterizar a tecnologia da cerâmica de Sofala.** Esta parte possibilitou assinalar e sistematizar a descrição técnica de cada peça, no que diz respeito aos aspetos tecnológicos, nomeadamente a distinção dos elementos não plásticos, a consistência das pastas, sua textura e acabamento, e o tipo de cozedura, etc.).
2. **Identificar a morfologia e funcionalidade das cerâmicas.** Neste ponto permitiu assinalar os elementos morfológicos (forma dos bordos, bases, lábios, recipientes, medidas do diâmetro e espessura das pastas) e o papel utilitário da coleção.
3. **Identificar e caracterizar os tipos decorativos da coleção.** Este objetivo permitiu localizar cada peça dentro das várias categorias ou subcategorias definidas de acordo com os padrões decorativos, prestando mais atenção às técnicas e os motivos decorativos empregues durante a sua produção.
4. **Contextualizar a cerâmica de Sofala.** Esta parte foi crucial porque permitiu situar cronologicamente a coleção em estudo, apresentar paralelos e diferenças culturais em relação a outras coleções já estudadas ou até hoje conhecidas no país. Assim como reconstruir as ligações comerciais entre Sofala, o Oriente e Europa.

1.4. Problematização

As referências de antigos escritores portugueses como Padre António Gomes² (1648), Frei Francisco de Santa Catarina³ (1744), Pedro Barreto de Resende⁴ (1635) e outros, sobre as ruínas, inscrições antigas e atividades comerciais na região entre Velha Mambone, Sofala e a ilha de Chiloane, levaram Lerenó Barradas a investigar o que a este respeito havia na região de Mambone e suas imediações (Barradas 1967:7). Os resultados desta pesquisa podem ser considerados como pioneiros para a pesquisa arqueológica nesta região. Para além das

² Axelson, E. A. “Viagem que fez o Padre António Gomes da Companhia de Jesus, ao Imperio de Monomotapa. In *“Studia”* 3, 1959.

³ Boxer, C. R. “A Dominican account of Zambézia in 1744. In *Boletim de Estudos de Moçambique n° 125*, 1960.

⁴ Esboço de Sofala e Mambone, 1635.

antigas ruínas, cemitérios muçulmanos, a pesquisa também fez alusão à possível estação de Velha Mambone, muitos vestígios da cerâmica estrangeira e local à superfície na deserta ilha de Chiloane e na Baía de Mafomene, onde parte da cerâmica se encontrava soterrada devido a ação do mar. Foi no contexto destes trabalhos pioneiros em Sofala que em Agosto de 1968, Armando Reis Moura, recolheu vestígios cerâmicos, em análise neste trabalho, na zona da Ponta de Sofala, mas que nunca tinham sido estudados.

R. W. Dickinson⁵, em Junho de 1969, financiado pela Fundação Gulbenkian em Lisboa, daria o segundo passo de pesquisas arqueológica em Sofala com objetivo de ter informação histórica não abarcada por documentos escritos ou tradição oral. Também a pesquisa pretendia combinar as coleções de superfície com as escavações, e investigar a então cerâmica local, (Dickison 1969:1). Mas como o trabalho foi breve, e não foi concluído (Dickinson 1969 e Barradas 1969), não alcançando por isso os objetivos preconizados, restringindo-se apenas, à recolha de algumas amostras, principalmente vestígios cerâmicos e missangas e que foram posteriormente descritos. Este cenário ditou o desenho de futuras pesquisas arqueológicas em Sofala.

Os resultados de Barradas (1967) e das menções do historiador François Balsan⁶, bem como o trabalho de Dickinson de 1969, ditaram a terceira etapa de pesquisas arqueológicas em Sofala, também desenvolvidas por Dickinson em 1971, cujo objetivo era examinar a cerâmica da estação da baía de Muringare e datar o assentamento.

O trabalho foi de novo breve, mas foram examinadas as estações da Ilha de Nyamandjeru, Matassa e Muringare, das quais obtidas algumas amostras, nomeadamente, húmus de assentamento em Matassa, vestígios da cerâmica local e estrangeira, missangas de cobre, e de vidro, fragmentos de pulseira, e um concheiro em Muringare. As sanjas abertas não foram bem exploradas devido à proximidade do lençol freático local (Dickson 1971:24).

Da análise comparativa feita aos vestígios conclui-se que havia continuidade da cultura local e provavelmente contemporaneidade entre a cultura local e estrangeira, sendo cerâmica de Sofala influenciada pelos modelos Suaflis da Costa Oriental africana (Dickinson 1971:25). A população local teria uma dieta alimentar que combinava produtos agrícolas com recursos marinhos e de caça. A baía de Muringare teria sido o assentamento mais antigo da região, no

⁵ R. W. Dickinson foi Tutor Senior do então Colégio da Universidade da Rodésia.

⁶ François Balsan em 1966 confirmou a presença das estações da Velha Mambone, antes referenciadas por Barradas (1967) e notou a presença de fragmentos de cerâmica, mas sem descrevê-los.

qual ancoravam os navios vindo da Índia e Quelimane, e sua ocupação situava-se a partir da segunda metade do século XV (Dickinson 1971:25).

A quarta etapa de pesquisa em Sofala foi em 1972 e desenvolvida por G. Liesegang, baseando-se nos relatórios de Dickinson (1969 e 1971), e das suas visitas em 1969 e 1971, concentrando-se na questão de Sofala como assentamento pré-português e do seu declínio enquanto entreposto comercial português. Neste contexto, apresentou as suas estações arqueológicas desta região e descreveu os objetos cerâmicos encontrados.

Liesegang (1972) conclui que o antigo assentamento islâmico pré-português também deveria ser achado no mesmo local da fortaleza portuguesa de Sofala, e os fatores políticos e económicos estariam na origem do declínio da feitoria de Sofala na segunda metade do século XIX. Sobre as evidências cerâmicas, Liesegang conclui que pertencem a diferentes períodos, mas ainda precisa-se de confirmações estratigráficas. Mas muitos dos materiais importados vindo das coleções de superfície foram datados para depois do século XV.

Do anteriormente exposto pode concluir-se que os estudos arqueológicos na região de Sofala (fortaleza/feitoria) foram feitos a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, onde os pesquisadores, nomeadamente, Barradas (1967), Dickinson (1969 e 1971) e Liesegang (1972), metodologicamente, fizeram coleção de vestígios a superfície, abertura de *test pits*, catalogação das estações e descrição dos vestígios, principalmente a cerâmica, bem como a sua datação relativa. Estes trabalhos são muito importantes porque dariam início ao conhecimento da pré-história desta região, mas nenhum deles fez as análises técnico-morfológicas das cerâmicas. Recentemente dos trabalhos feitos por Madiquida (2006) nos distritos de Chinde, Marromeu e Sena em Sofala (província), não resultaram também análises tecno-morfológicas dos vestígios cerâmicos.

Neste contexto, no seguimento das pesquisas arqueológicas supracitadas, o presente trabalho faz análises tecno-morfológicas e funcional da cerâmica colhida por Armando Reis Moura na Ponta de Sofala (fortaleza/feitoria) em 1968. Os resultados desta pesquisa puderam explicar ligações de comércio a longa distância entre as comunidades locais e estrangeiras. Estas informações, por um lado, permitiram enquadrar aspetos tecnológicos da cerâmica desta jazida e, traçar paralelos ou diferenças culturais ao nível das pesquisas, já desenvolvidas sobre cerâmica no país e na região, ou apresentar novos dados a seu respeito. Por outro lado, os resultados desta pesquisa permitiram fazer uma ponte de ligação de conhecimento arqueológico entre o norte e sul, sobre as pesquisas da IFS.

1.5.Hipóteses

As hipóteses que podem ser avançadas para a presente pesquisa são as seguintes:

- Sofala teria sido o principal entreposto comercial no Canal de Moçambique durante a primeira metade do segundo milénio AD. Este entreposto conectava as zonas do interior ao comércio internacional;
- A partir da análise técnico-morfológica e funcional da cerâmica de Sofala, pode-se conhecer as alterações culturais, económicas e as relações sociais ocorridas entre diferentes fases da vida da sua comunidade;
- Sofala durante a sua vigência, também teria operado como um centro de intercâmbio cultural, entre as comunidades local e estrangeira.

1.6.Estrutura do trabalho

O trabalho está subdividido por oito capítulos. O primeiro capítulo apresenta o objeto, os objetivos, as hipóteses e a problemática que se levanta em torno da pesquisa. O segundo capítulo mostra o procedimento metodológico e os materiais utilizados durante o trabalho. O terceiro capítulo trata da localização geográfica, características geomorfológicas e ambientais da estação e, o quarto capítulo faz uma caracterização específica da estação. No quinto capítulo, a partir de uma análise diacrónica é feita uma resenha histórica da região de Sofala, desde o período pré-colonial até a fase final do período colonial. Esta parte termina com a análise das principais fontes escritas disponíveis para o estudo da história da região de Sofala. Da abordagem sincrónica acerca da história da pesquisa arqueológica da IF em Moçambique no sexto capítulo, passa-se ao sétimo capítulo que apresenta a análise dos materiais utilizados no trabalho. O oitavo capítulo expõe o entendimento detalhado ou os argumentos que se têm sobre a interpretação dos materiais estudados. A tese é ainda complementada pelas referências bibliográficas e anexos.

CAPÍTULO II: MATERIAL E METODOLOGIA

A análise e interpretação dos vestígios cerâmicos resultantes de processos dinâmicos dependem da escolha de uma metodologia adequada para alcançar os objetivos preconizados. Para o presente trabalho o procedimento metodológico selecionado é o seguinte:

2.1. Pesquisa bibliográfica

Foi efetuada principalmente nas seguintes instituições: Arquivo Histórico de Moçambique para contextualizar toda informação sobre Sofala, principalmente as fontes escritas, árabes e portuguesas. Mas no AHM, não documentos contemporâneo a Sofala, são restos de documentos datados a partir da segunda metade do século XVII. Em termos de conteúdos destes documentos, são apenas códices, correspondências administrativas, autos, termos contratos, livros de receitas, etc, e que nada ajudam para o objeto de estudo no trabalho. Por isso, toda informação sobre antiga Sofala que consta do trabalho foi compilada a partir de fontes secundárias ou terciárias.

A pesquisa bibliográfica no Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) foi muito relevante, porque permitiu conhecer toda a informação sobre Idade de Ferro em Moçambique e, especialmente os estudos cerâmicos sobre Sofala e no país em geral; A Biblioteca Central da UEM; forneceu informações para georreferenciação da área em estudo e a consulta de espólio pessoal, para aspetos tecnológicos, morfológicos, funcionais, e estudos cerâmicos no geral, dada sua ausência das bibliotecas institucionais.

2.2. Análise macroscópica da coleção

Esta análise baseou-se na compilação dos vários critérios ou procedimentos de análise macroscópica de materiais cerâmicos descritos nos trabalhos de Luna e Nascimento (1994), Machado (2006), Costa (2007), Carvalho (2008), Bicho (2011), Gomes (2011), Orton e Vince (2013). As atividades foram realizadas no Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, laboratórios n^{os} 8 e 10, onde se encontram conservados os vestígios.

Todos os fragmentos da coleção foram analisados, independentemente do seu estado de conservação, seu aspeto, tamanho e valorizados como um conjunto do qual exige-se maior informação. Mas durante a análise, foram privilegiados, alguns fragmentos, tais como aqueles que apresentam os tipos de aditivos técnicos decorativos, forma do tratamento da superfície, etc, porque estas componentes facilitaram a sua distinção sem ambiguidade.

A análise seguiu várias fases: a primeira etapa consistiu na análise quantitativa do material, com recurso ao inventário e tabela, com finalidade de obter de forma sistemática e concentrada, a frequência das informações sobre tecnologia de produção dos materiais cerâmicos, o tipo de morfologia, padrões decorativos, sinais de uso, incluindo a atribuição das referências de peça.

Inicialmente havia sido proposto determinar as cores dos fragmentos a partir da escala de Munsell, mas ao longo do trabalho revelou-se inútil o uso desta escala, principalmente quando se trata da faiança e porcelana porque a identificação das suas cores é clara. E mesmo quando se tratava da cerâmica local o uso da escala de Munsell não era prático devido à presença de cores diferentes no mesmo fragmento, e também as cores que se repetem. Assim sendo, a determinação da cor dos fragmentos baseou-se na observação visual, que das superfícies, quer do seu núcleo, quando necessário quebrando os fragmentos quando a identificação da cor da pasta se torna difícil. E a identificação dos elementos da têmpera da pasta foi possível com recurso a uma lupa manual.

No segundo momento, fez-se a análise qualitativa, que agrupou a frequência das informações tecnológicas em conjuntos, que posteriormente foram enumerados para identificar o que lhes dá unidade, permitindo a padronização dos aspetos tecnológicos, morfológicos e funcionais da coleção. Esta análise normalmente segue ou acompanha dados apresentados em ta belas ao longo do trabalho.

2.3. Equipamento de análise

A concretização da análise macroscópica acima exposta foi possível graças ao recurso a alguns equipamentos, nomeadamente uma máquina fotográfica digital, Sony 20 Mega Pixels, 8xZoom, fotografou o material necessário (algum material era fotografado a partir do telemóvel). A escala de fotografias, com graduação em centímetros, ajudou a determinar as medidas dos objetos fotografados, quando apresentados no trabalho.

Foi ainda utilizado o paquímetro digital (em milímetros) para o levantamento de várias medidas, por exemplo, espessura, altura e comprimentos dos fragmentos, diâmetro e profundidade dos objetos;

Conjunto de formas (pente de perfis) para marcar e desenhar os perfis dos fragmentos; e

Escala de diâmetro em milímetros para determinar diâmetros dos objetos a partir das bordas; lupa da mão, com uma graduação de 90 mm Ø, para observar meticulosamente a quantidade, distribuição, tamanho, cor e forma das inclusões nas pastas, as formas de acabamentos, possivelmente alguns tipos decorativos e a cor dos fragmentos.

2.4. Desenho e fotografias

Foi preciso desenhar tecnicamente e fotografar as peças mais significativas da coleção. A fotografia como técnica de registo e documentação serviu como auxílio, complementando o desenho, a descrição do material, pela observação metódica das imagens fotografadas, e integrar as informações nelas contidas. O desenho constitui o “substituto” do objeto original, procurando reconstruir a possível forma do recipiente, enquadramento dos elementos formais e decorativos, úteis para a interpretação, corporizando o material original em estudo a partir dos fragmentos.

2.5. Caracterização

Por fim os vestígios foram caracterizados, por forma a entender os padrões semelhantes e diferentes entre vários atributos observados nos diferentes grupos tecnológicos dos fragmentos da coleção.

2.6. Definição de conceitos

2.6.1. Argila

Argila é uma rocha sedimentar formada a partir dos produtos de erosão de outras rochas, predominantemente feldspatos, mas também de granito, micas, outros silicatos, ou formações vulcânicas. A argila é diferente de outros materiais sedimentológicos (tais como siltes e areias) por tamanhos de partículas extremamente pequenas, menos de 0.002 mm Ø. As argilas são classificadas quer como argilas primárias (ou residual), que se formaram na ou

perto da rocha-mãe, ou argilas secundárias (transportadas), formadas a partir de produtos de erosão, que foram transportados para várias distâncias por sistemas meteorológicos, correntes de água, ou movimento glacial (Balme e Paterson 2006: 237).

2.6.2. Cerâmica

Cerâmica é uma palavra normalmente aplicada para aqueles objetos ou artigos feitos de argila, e subsequentemente tratado termicamente de modo a que o produto final seja durável e mantenha sua forma quando exposto à água (Balme e Paterson 2006:236). Etimologicamente deriva do adjetivo grego, *keramikós*, que significa algo feito de argila, do mesmo modo que este adjetivo, deriva do substantivo *kéramos*, ou argila. Em latim por empréstimo ao grego, é designado *Ceramici*, - *orum*, significando mercado de louça de barro. Por extensão, o cerâmico também significava mercado ou local de artesanato, de louças, barros, argilas, cerâmicas de qualquer cidade grega, forma de comércio e artesanato que se estabelece nos grupos urbanos neolíticos, em que os apetrechos de cerâmica (e secundariamente, de *cestaria*) representam a tecnologia avançada⁷.

Em França a partir de 1806, encontra-se o vocábulo *céramique*, designando a técnica, arte, tecnologia de objetos de barro ou argilas, e em 1836 aparece o termo *céramiste* ou ceramista. Os termos espanhol, português e inglês, *cerámica*, *cerâmica* e *ceramic*, respetivamente foram formados seguindo o modelo francês (evoluíram do latim), durante a segunda metade do século XIX⁸.

Em suma, cerâmica é uma palavra grega, que surge na antiguidade para referir argilas ou objetos feitos com argilas. Esta palavra evoluiu para o latim, passando também a designar o espaço no qual eram comercializados produtos de artesanato, principalmente produtos feitos de argilas. Já no século XIX, do latim evoluiu para designar a técnica ou arte de produzir objetos de argilas. Ao longo do trabalho, a palavra cerâmica será usada para referir a objetos feitos de argilas ou técnica/arte da sua produção. Mas segundo Balme e Paterson (2006:238) nem todos os objetos, artigos, estruturas, ou materiais fabricados a partir de argilas devem ser classificados como cerâmica. Por exemplo, adobe, tijolo seco ao sol, não são ou suficientemente aquecido para causar uma alteração da sua estrutura cristalina e, portanto, são tecnicamente argila seca e não cerâmico. Enquanto a massa densa e compactada de argila

⁷ ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, nº5. 1981.São Paulo: Encyclopedia, p. 2249.

⁸ ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, nº5. 1981.São Paulo: Encyclopedia, p. 2249.

seca ao sol ainda é excepcionalmente durável para a arquitetura em um ambiente árido, este material de construção vai eventualmente ser dissolvido pela chuva se não estiver protegido.

2.6.3. Olaria

Comumente confunde-se a palavra cerâmica com a palavra olaria, mas a diferença é bem maior, e vala pena apresentar. A palavra olaria, etimologicamente deriva do latim, *olla*, que significa panela, quase sempre de barro. Daqui teria evoluído para o português antigo, *ola*, e aparece na literatura c. 1124. De igual modo em espanhol *olla*, c. 1220 – 1250. Daí derivam os termos *oleiro* ou *olaria* em português, e *ollero* ou *ollería* em espanhol por volta do século XVII. *Olaria* em português, e *ollería* em espanhol, correspondem ao *poterie* em francês e o inglês *pottery*. Em português a concepção geral sobre a olaria, é de um setor da indústria que se dedica à produção de tijolos, telhas, tubos e vasilhas de barro. Compreende principalmente pequenos e médios estabelecimentos, com predomínio do trabalho manual⁹. E para Balme e Paterson (2006:237), olaria é um termo mais especializado, sob a rubrica de cerâmica, e refere-se a recipientes para preparação, o consumo, e armazenamento de alimentos e líquido, ou para a armazenagem de outros objetos ou materiais não consumíveis. Ao longo do trabalho, o termo olaria é usado na perspectiva de Balme e Paterson (2006), dada a sua especificação.

2.6.4. Porcelana

A porcelana é um grupo tecnológico cerâmico, translúcido, não poroso, produzido pelo cozimento de uma mistura de caulim, quartzo e feldspato. A porcelana dura geralmente contém 50% de caulino, 25% de quartzo e 25% de feldspato. E a porcelana tenra, é cozida a uma temperatura mais baixa, é feita de 25% de caulino, 45% de quartzo e 35% de feldspato. O objeto pode ser decorado antes de ser cozido num forno, o que resulta em objetos acabados duro e impermeáveis, mas sem brilho: depois são vitrificados num líquido composto dos mesmos produtos (com adição de mármore), mas em proporções diferentes. Os objetos são cozidos a uma temperatura de entre 1250° e 1450°C. A porcelana é usada para fins domésticos, em laboratórios e na indústria, onde é especialmente valiosa como um material isolante (EMI 1981: 2254).

⁹ ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL, nº 15, 1981. São Paulo: Encyclopedias. P. 8226.

2.6.5. Faiança

Dá-se o nome da faiança da cidade italiana de Faenza, que foi centro importantíssimo de produção de cerâmica (Chorão 1999b:745 e Henriques e Campus 2007:17) à forma de cerâmica, que possui uma massa menos rica em caulim¹⁰ do que a porcelana, e está associada a argilas mais plásticas. As suas pastas são porosas e pardas, leves, de coloração branca ou “marfim”, que exigem posterior decoração e vitrificação.

A faiança também se caracteriza por ser uma cerâmica de “baixa temperatura”, com cozimento variando entre 900° e 1280°C e esmaltada com óxido de estanho. A sua pasta não contém quartzo em sua composição, mas possuem argilas, feldspato e calcário magnesite (<http://degrigolli.com.br/dg/?p=45>).

2.6.6. Cerâmica local

É aquela cerâmica que foi produzida com recursos às técnicas e materiais locais (modelação, roda de oleiro, torno; cozida em processos redutores, tais como chama viva, abertura de cova ou em ambientes redutores ou oxidantes). A cozedura em fogueiras é curta, em geral a temperatura varia entre 600° e 850°C. Em fornos a cozedura é longa, registando temperaturas que geralmente variam entre 1000° e 1300°C (Costa 2007: 53 e 55). As cerâmicas locais podem possuírem decoração e engobe, mas não vitrificadas, não requerem centros de fabrico especializados, e se destinam à satisfação das necessidades de cozinha, mesa, higiene, armazenamento, transformação dos produtos agrícolas e transporte a curta distância da unidade doméstica, da exploração agrícola ou da pequena indústria.

2.6.7. Análise cerâmica

São vários procedimentos ou técnicas usadas para o estudo de artefactos feitos de e/ou por argilas queimadas, com objetivo de obter dados arqueológicos. As análises arqueológicas podem revelar as técnicas de manufatura, identificar a composição química das pastas, identificar áreas de fabrico, cronologias, relações comerciais, inovações tecnológicas, arte, política, religiões e muitos outros aspetos das culturas antigas, etc. (Kipfer 2007:61 e Orton e Vince 2013).

¹⁰ Caulim ou caulino é um minério composto de silicatos hidratados de alumínio, como a caulinita e a haloisite empregue no fabrico de papel, cerâmica, tintas, etc.

2.6.8. Análise macroscópica

A análise macroscópica é aquela que é feita a olho nu, ou seja com avista desarmada, sem recurso aos instrumentos óticos, tais como, lupa, microscópios, etc. Neste caso, os fragmentos cerâmicos, foram visualmente observados, e descritas as suas características técnico-morfológicas e funcional. Um caso particular, durante o trabalho foi o recurso a lupa para determinar a textura e os elementos de têmpera nas pastas, mas devido ao uso diminuto deste instrumento, exclui-se a capitalização da análise microscópica durante o trabalho.

2.6.9. Idade de Ferro

É o período em que a humanidade começou a usar instrumentos de ferro, e com início há c. 3000 a. C. O ferro tinha muitas vantagens, quando comparado com o bronze, daí ter-se espalhado rapidamente. A Idade de Ferro iniciou-se em diferentes tempos e espaços do mundo, de acordo com a disponibilidade do ferro e o conhecimento da sua técnica. Na Europa, o ferro aparece inicialmente c. 1100 a. C. Cerca de 1500 a. C. No Médio Oriente, c. 900 a. C. no Sul da Europa, e depois de 400 a. C. no norte da Europa. Maior parte da Ásia, a Idade de Ferro calha com o período histórico. Na América, o ferro foi introduzido pelos europeus. Na África iniciou antes da primeira idade dos metais. A Idade de Ferro da África Austral é dividida em, Idade de Ferro Inicial 200 – 1000 e, Idade de Ferro Superior, de 1000 até século XIX. Contudo o Thomas Huffman (2007) subdivide a Idade do Ferro da África Austral em três períodos, Idade do Ferro Inicial 200–900 AD, Idade do Ferro Média 900–1.300 AD e a Idade do Ferro Superior 1.300–1.840 AD. O termo Idade de Ferro é geral e arbitrário. Algumas evidências mostram que meteoritos eram usados como fonte de ferro antes de 3000 a. C., mas a extração do metal do minério data c. 2000 a. C. (Kipfer 2007:157).

Al-Massudi¹¹ assinala a existência de Sofala antes do séc. X, sendo o limite da navegação árabe para o sul e centro das atividades comerciais na região costeira do Canal de Moçambique (Carvalho 1988:59), e cuja administração dependia de proeminentes entrepostos costeiros muçulmanos, como Unguja Ukuu (Zanzibar), Kilwa (Tanzânia) ou Manda (Quênia) (Morais 1989).

Atualmente, Sofala é uma província costeira com uma superfície de 68.018 km², que corresponde a cerca de 8,5% da área do país. Sua capital é a cidade portuária da Beira¹², a segunda maior cidade de Moçambique. Ao norte, o rio Zambeze separa-a das províncias de Tete e Zambézia; a Oeste da província de Manica e a sul o rio Save estabelece a separação com a província de Inhambane (Dos Muchangos 1999:16).

3.2. Localização da estação

A feitoria de Sofala é uma denominação geográfica antiga, que especificamente designava a primeira fortificação portuguesa erguida a partir de 1505 (Fortaleza de São Caetano), junto à costa baixa, na margem da Baía, e na foz do rio Dando, no atual distrito de Búzi, província de Sofala em Moçambique. A sua georreferenciação encontra-se entre 20^o - 21^o Sul e 34^o - 35^o Este.

¹¹ Ali Al-Massudi foi um estudioso que combinou História e Geografia no tratado de mais de 30 volumes sobre as suas viagens na Europa, Médio Oriente e países do oceano Índico.

¹² Aruângua é o nome primitivo da Beira, mas como a 21 de Março de 1887, em Portugal nascia o Príncipe da Beira Luíz Filipe, enquanto o tenente Luíz Ignácio (de Assumpção), vinha a Moçambique criar uma povoação, no sítio de Chiveve, logo em honra do príncipe recém-nascido, denominou Beira, à nascente povoação de Aruângua, na foz do rio Punguè (Da Costa 1940:62). Príncipe ou princesa da Beira foi um título criado por Carta régia de 17.12.1734, pelo então rei de Portugal D. João V, a favor da sua neta, a princesa D. Maria (depois rainha D. Maria I), que usou até a morte do avô, em 1750; D. Luíz Filipe, primogénito de D. Carlos, nascido a 21.03.1887, foi o 8^o príncipe da Beira, título que manteve até a morte do seu avô, o rei D. Luíz, em 1889 (De Lemos 1989:14).

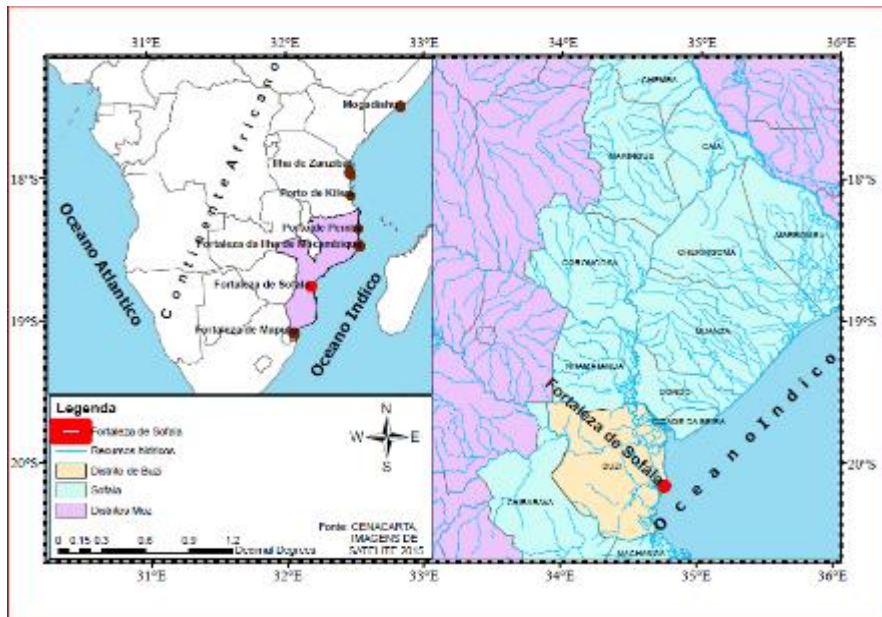


Fig. 3.2 - Localização da Fortaleza de Sofala



Fig. 3.3 - Fotografia aérea da Baía de Sofala, por Serviços geográficos e Cadastrais, com base em mosaicos DET - 10/11 - D7, 1, Dec. 1964 (1972:148).

3.3. Características ambientais

3.3.1. Geologia, hidrografia, relevo e solos

As características geomorfológicas de Moçambique são as do rebordo oriental do continente africano, onde se distingue uma faixa montanhosa que desce em degraus aplanados até à planície litoral (Dos Muchangos 1999:28).

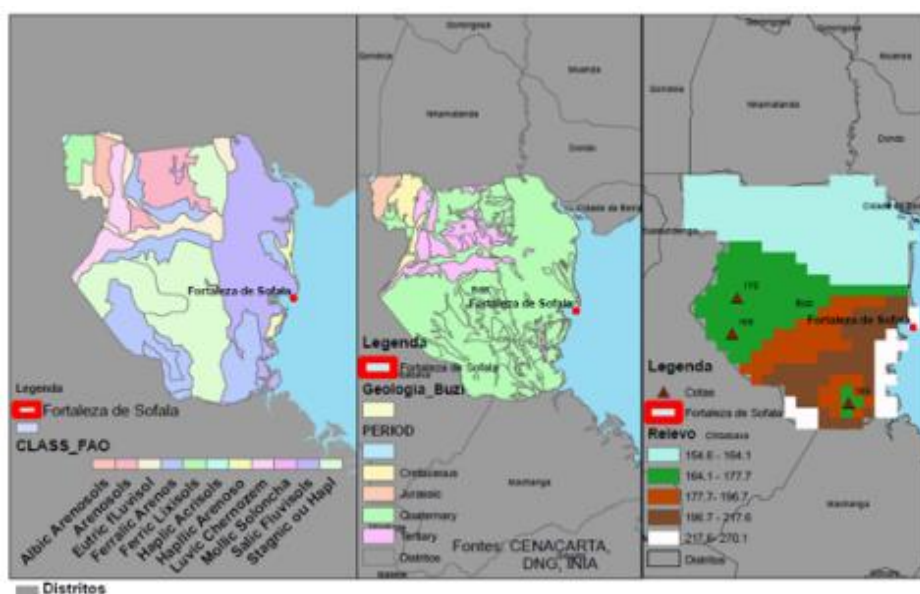


Fig. 3. 4 - Características geomorfológicas da área da estação. Atualmente a fortaleza está na água

Geomorfologicamente, o distrito de Búzi encontra-se numa vasta Bacia sedimentar e compreende basicamente os sedimentos mais recentes de aluviões do rio Búzi, passando para a plataforma de Managa¹³ e Pós-Mananga intercalados com manchas de cobertura arenosa, aluviões de Mananga e areias eólicas e pleistocénicas. No extremo Ocidental do distrito ocorrem ainda sedimentos residuais do Complexo Gnaisse-Granítico do Moçambique Belt (MAE 2005:8). Neste contexto, observando o mapa 2.3, geologicamente a fortaleza de Sofala encontrava-se numa zona de formação Quaternária, composto por solos fluviais e, onde as dunas e depressões caracterizam o relevo local. Enquanto isso, a savana por seu lado, determina a vegetação da região. E segundo Dos Muchangos (1999:87-88) para além da savana, o distrito de Búzi, também apresenta florestas abertas de miombo e vegetação costeira.

¹³ A plataforma Mananga é caracterizada pela ocorrência de solos de textura franco-argiloso arenosa e argilosa, normalmente salgados e sódicos devido à natureza dos sedimentos de origem marinha.

3.3.2. O clima, precipitação e temperatura

O distrito de Búzi é marcado por dois tipos de clima: o clima Tropical Chuvoso de Savana, ao longo da faixa costeira e o clima Tropical Temperado Húmido, no interior. Ambos climas apresentam duas estações, a chuvosa e a seca (MAE 2005:7).

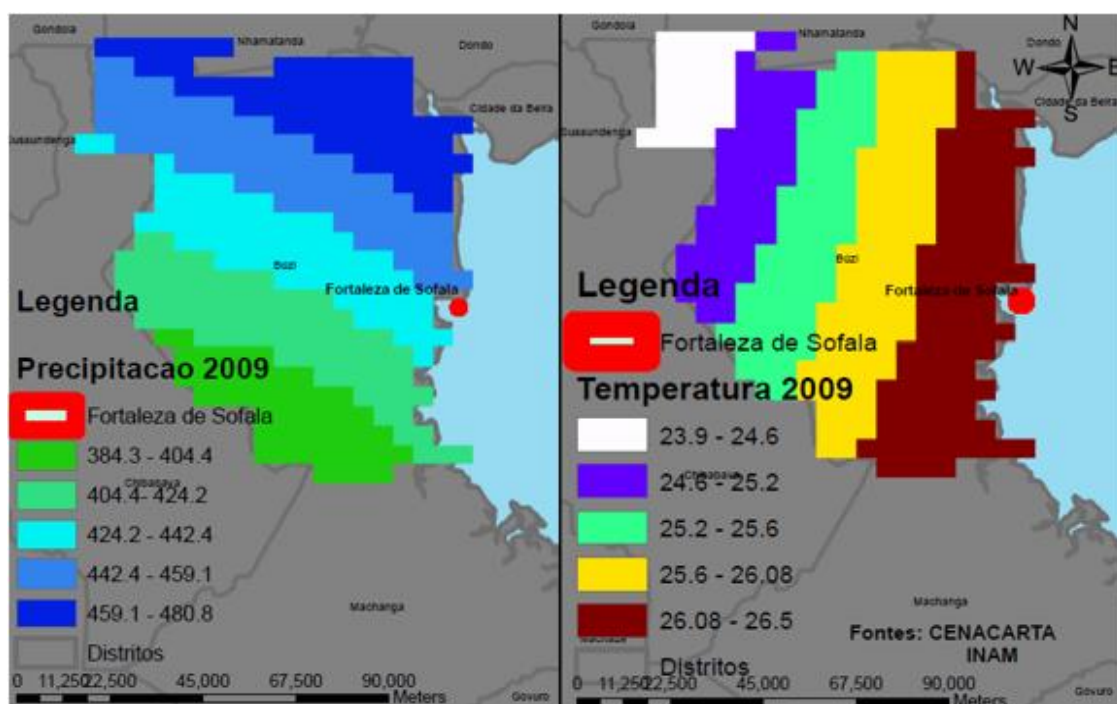


Fig. 3.5 - Precipitação e temperatura da zona da estação

A precipitação média para o ano 2009 foi de 442.4 – 459.1 mm, e a temperatura média anual, ainda no mesmo ano foi de 26.08^o – 26.5^oC. A maior queda pluviométrica ocorre entre Dezembro de um ano a Março do ano seguinte, variando significativamente na quantidade e distribuição, quer durante o ano, quer de ano para ano (MAE 2005:7). E a época seca regista-se entre os meses de Julho a Setembro (Da Costa 1940:60). A temperatura mínima anual é de 18^oC.

3.3.4. A fauna

Hoje em dia a fauna bravia no distrito de Búzi está pouco desenvolvida devido à guerra civil e ao abate indiscriminado dos animais. Não existe inventário da fauna, capaz de espelhar a realidade em termos de espécies, sendo vistos regularmente crocodilos (*Crocodylus niloticus*), hipopótamos (*Hippopotamus amphibius*) e macacos (MAE 2005:40). Mas segundo Dos Santos (1999:146-168), a fauna antiga de Sofala era muito rica, e era caracterizada por vários animais, desde pequeno até grande porte, nomeadamente, elefantes (*Loxodonta*

africana), hienas (*Crocuta crocuta*), leões (*Panthera leo*), zebras, (*Equus buechelli*) pala-pala (*Hippotragus niger*), búfalos (*Syncerus caffer*), civetas (*Viverra civeta*), chacais (*Canis adustus* e *Canis mesomelas*, chacal listrado e chacal de sela, respetivamente), macaco cinzento (*Cercopithecus aethiops*), macaco cão (*Papio cynocephalus*), onça (*Panthera onca*), lagartos (*Varanus exanthematicus* e *Varanus niloticus*, lagartos da terra e aquáticos, respetivamente), pitons (*Pythons sebae*), víboras (*Bitis arietans*), e várias espécies de aves, quer terrestres, quer aquáticas.

CAPITULO IV: CARACTERIZAÇÃO DA FORTALEZA

A fortaleza¹⁴ de Sofala (então designada por Fortaleza de São Caetano de Sofala) foi a mais antiga fortaleza da África Oriental, desenhada por Caetano Montez, atualmente destruída pela ação do mar. Inicialmente era uma feitoria com uma fortificação simples (cerca quadrada, com tranqueira e fosso) construídos por Pero de Anhaia, em 1505. A torre de Alvenaria de pedra e cal foi erguida pelo seu sucessor, Manuel Fernandes, o que terá tido lugar no tempo de António de Saldanha (1509 – 1512). O material da sua construção veio de Portugal já aparelhado para rápida construção no princípio do século XVI (Barradas 1969:67). Com estruturas de pedra e cal e forma quadrada, cercada por uma muralha de 25 palmos¹⁵ de altura (~ 12,5m de altura), quatro baluartes redondos nos cantos; na quadra do lado do mar havia uma torre de dois sobrados, em cujo vão até ao primeiro sobrado se construía uma cisterna. Dentro da fortaleza estava a igreja e a casa da feitoria. Junto da fortaleza havia a povoação dos cristãos, com uma capela da invocação do espírito santo, sítio que mais tarde foi erguida a capela da invocação de Nossa senhora de Rosário, e fora da povoação outra capela da invocação da Madre de Deus. Os Mouros¹⁶ eram vizinhos da fortaleza (Dos Santos 1999: 76 - 78, Da Mota 1973:5-6).

A feitoria manteve-se ativa até meados do século XVI, sendo que um número considerável de soldados e oficiais portugueses viviam no forte ou em casas construídas ali perto. Havia ainda uma missão dominicana que continuou até finais do século XVII (Newitt 1997:129-130).

Na segunda metade do século XVI, devido ao avanço do mar, a aldeia dos muçulmanos recuou para oeste, e entre 1815 e 1830 foi transferida para o nordeste da fortaleza, onde mesmo processo continuou até ao fim do século XIX (Liesegang 1989:36-37).

Em 1864-5 a sede do governo foi transferida para a ilha de Chiloane, por razões de segurança e, em 1892 foi outra vez transferida para a Beira (Liesegang 1989:36-37). Ora, Newitt (1997:129-130) assinala que, nos meados do Século XVI, o centro ativo da capitania de Sofala foi transferido para a Ilha de Moçambique, e Sofala transformou-se lentamente num posto isolado. Liesegang (1989:37) afirma que Sofala e Inhacamba não foram abandonadas,

¹⁴ Do Nilo e do Oceano Índico, foi a economia de feitorias ou de entrepostos que se tornou a estrutura dominante ao longo do comércio Atlântico, e consistiriam em fortalezas antes de tornarem-se centros de civilização comercial (Ogot 2010:75).

¹⁵Um palmo é uma medida antiga equivalente ao comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até ao cotovelo.

¹⁶ Mouro foi um termo com que os Portugueses designavam os Suaíli (Carvalho 1988:79).

mas tornaram-se povoações dependentes, ficando em Sofala apenas um destacamento com um oficial e alguns habitantes.

Estas mudanças da sede de Governo de Sofala, quer seja por motivos administrativos, de segurança ou mesmo comerciais, concorrerem para o insucesso de Sofala, e Newitt (1997:129-130) conclui que os poucos edifícios nela existentes nunca chegaram a formar uma verdadeira cidade.



Fig. 4.1 - Pormenor da planta de Sofala, desenho de Pedro B. de Resende, no "livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental" de António Bacorro, 1635 (biblioteca pública de Évora) (Da Mota 1973).



Fig. 4.2 - "Cefala" no livro de Baun & Hognberg, "Civitates Orbis Terrarum", Colónia, 1572 (baseado em desenhos de origem portuguesa) (Da Mota 1973).

A fortaleza foi construída perto do mar, para dominar o ancoradouro, circundada por mar e riachos dos lados este, oeste e sul, e que ao norte havia uma língua de terra que a unia a vila, (Liesegang 1989: 36/7). É óbvio que, a sua localização ficou refém das investidas do mar, que paulatinamente foi ganhando mais terreno, incluindo a própria fortaleza.

CAPÍTULO V: HISTÓRIA DA REGIÃO E ANÁLISE DAS FONTES ESCRITAS

5.1. Período pré-colonial

Substituindo a “comunidade primitiva” e o predomínio da caça e da recolção, vários grupos populacionais, vindas da África Central, foram chegando a Moçambique, por volta dos anos 200 e 300 d. C., povoando gradualmente as bacias fluviais costeiras e, quase ao mesmo tempo, as encostas e o planalto do interior, como consequência do conhecimento da agropecuária e do fabrico de ferro (Carvalho 1988).

O território do distrito de Buzi fez parte do antigo império dos Monomotapa (cerca de 1440-1450) integrando também as terras dos atuais distritos de Chibabava e Machanga, (MAE 2005:7).

Os primeiros contactos entre a população local e os estrangeiros datam desde a antiguidade, embora as informações mais precisas façam menção apenas ao século VIII da nossa era, quando os árabes se estabeleceram na Baía de Sofala desenvolvendo atividades comerciais.

Entre 1480 e 1826 houve conflitos entre os Sedandas e Quiteves, devido ao controlo das rotas comerciais. A partir do final do século XV, a região ganha muita reputação com a chegada dos portugueses em 1502, passando a haver disputas entre estes e os árabes. Com a expulsão dos árabes, os portugueses iniciaram em 1505 a construção da fortaleza de São Caetano, no atual posto administrativo de Nova Sofala, anterior sede do governo, (MAE 2005:7).

No segundo quartel do século XIX, durante as incursões do *Mfecane*¹⁷, os Ngunis invadiram a região de Sofala, onde perpetuaram várias investidas, principalmente a partir da década de 1820, por guerreiros de Nqaba. Por exemplo, em 1836, Sofala teria sido atacada e pilhada, tendo-se a comunidade refugiado na velha fortaleza (Liesegang 1989:30). Mas ainda nesta década, Nxaba (Nqaba), perdia o poder a favor de Shochangane, unificador e soberano do Estado Angune (Estado de Gaza) de caráter tributário, com a capital em Mussurize (Manica), representado nos finais do século XIX pela Companhia de Moçambique (Newitt 1997:241).

¹⁷*Mfecane* foi um período de lutas e transformações políticas ocorridas na Zululândia, causadas pela crise ecológica – fome e seca e, o controlo das rotas comerciais, seguido de um extenso movimento de migrações Mguni (Carvalho 1988:108), em direção ao norte e sudoeste da África Austral.

Assim, toda a região compreendida entre os distritos Búzi, Chibabava e Espungabera passou a constituir a Administração Mussapa dos Ngunis, impondo um sistema político com chefes locais, os “Mambos” (MAE2005:7).

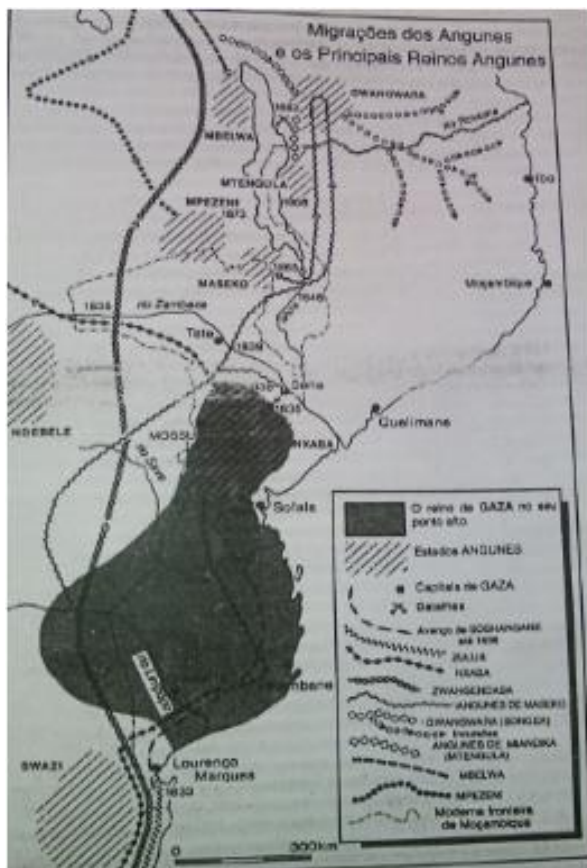


Fig. 5.1 – Principais movimentos Nguni durante o Mfecane (Newitt 1997:241).

Perante dificuldades de ocupação militar e pacificação do território, dificuldades administrativas, poucos recursos económicos e humanos, a expansão da política colonial em Moçambique foi dificultada. Em resposta a esta crise, o governo Português, transferiu estas responsabilidades para as companhias privadas, a maior parte do território Moçambicano, deixando a região meridional do país, a sul do Save, na responsabilidade do Estado, como reserva de mão-de-obra para as minas sul-africanas (Newitt 1997:241).

Neste contexto, a atual região de Sofala e Manica ficou sob controlo e administração da Companhia de Moçambique (1892 – 1942), com direitos plenos de cobrar impostos, exploração de todos recursos, emitir moeda e selos postais, construir e apropriar vias de comunicação a todos níveis, pacificar e colonizar a região entre o Zambeze e os 22^o de latitude a sul do rio Save. Em troca, a companhia devia entregar ao governo português 7.5%

de todas as receitas, ter um capital social de 4.500.000,000 reis pertencente ao governo nos 5% dos lucros líquidos da companhia, que se elevaria 10% quando o dividendo das ações fosse também de 10% ou mais; submeter ao governo os tratados e convecções celebrados com os régulos do seu território e a respeitar os usos e costumes dos seus povos; respeitar os tratados entre o governo português e outros países; sustentar serviços sociais; organizar forças policiais no prazo de 5 anos, estabelecer colonatos portugueses; manter o regime municipal e implantá-lo nas outras povoações sempre que estas tivessem condições para tal; e usar bandeira portuguesa, à qual poderia juntar outro distintivo, etc... (da Costa 1989:70-71 e Newitt 1997:331). Conclui-se a administração portuguesa em Sofala, passando para Manica na década de 1940.

Com as reformas do “Estado Novo”, e nomeadamente com a nova legislação, que incluía o Acto colonial em 1930 e a Constituição Portuguesa, a Carta Orgânica, e a lei da Reforma administrativa Ultramarina, todos eles publicados para cada colónia em 1933, pôs-se termo a todos direitos administrativos das companhias concessionárias, transferindo as colónias numa entidade legal única com a metrópole, parte do Estado Português, e não territórios autónomos em regime de curadoria (Newitt 1997:393).

5.2. Análise das fontes escritas

Até ao momento o estudo do conjunto das fontes escritas da história da África é pouco desenvolvido. Esta situação, segundo Djait (2010:78) pode ser explicado por razões de especialização cronológica ou regional, os raros estudos realizados têm sido associados a campos específicos da pesquisa científica.

5.2.1. Fontes antigas

A Costa Oriental da África, ao longo da história caracteriza-se pela facilidade de acesso, quer através do interior, quer através do mar. O mar foi uma via de contatos e de interação com o mundo exterior, principalmente via comércio marítimo (Sheriff 2010:57). Mas a escassez de fontes dificulta a reconstituição da história desta região antes do século VII d. C. Todas as fontes disponíveis, são o produto da presença dos estrangeiros.

As fontes documentais antigas¹⁸ greco-romanas¹⁹ e medievais contêm apenas referências indiretas a essa área (Sheriff 2010:57), e caracterizam-se por serem testemunhos conscientes, em sua maioria, anais, crônicas, viagens ou geografias (Djait 2010:78). Estrabão (-29 a 9 d.C.) assistente do período de expansão romana sob Augusto; oferece um testemunho contemporâneo e as vezes ocular sobre o comércio da região do mar Vermelho e do oceano Índico, incorporando fragmentos de informações anteriores, atualmente perdidas. Plínio (23 a 79 d.C.) descreve o comércio e a navegação no oceano Índico (Sheriff 2010:607-608).

A *Geografia* de Ptolomeu, datada a 156 d.C., descreve os contornos da África, navegação no Oceano Índico e África Oriental em particular, (Djait 2010:93 e Sheriff 2010:57). Também neste período, a Costa Oriental teria sido visitada pelos egípcios. Heródoto afirma que faraó Necau (c 600 a.C.) mandou fenícios pelo mar Vermelho, e que deviam regressar pelas colunas de Hércules (Gibraltar) - presumivelmente estes teriam sido os primeiros navegadores a contornar o Cabo da Boa Esperança (Ki-Zerbo 1972:120).

Os reinos árabes pré-islâmicos do Iémen e do Hadramaute²⁰ mantinham uma relação regular com a Costa Oriental africana desde o início do Iº milénio a. C. Os Ptolomeus, romanos e aksumitas, disputaram a supremacia no comércio, trocando tecidos e objetos metálicos por marfim, chifres de rinocerontes, madeiras preciosas, especiarias e escravos; Introduziram também o coqueiro, a cana-de-açúcar, arroz, o trigo, etc. Também os gregos navegavam através do oceano Índico até a costa indiana de Malabar, e dão algumas indicações sobre esta região. O seu conhecimento sobre esta costa demonstra-se no *Periplus Maris Erythraei* – *Périplo do Mar da Eritreia*²¹, Ki-Zerbo (1972:120).

5.2.2. Fontes árabes

Do século VII d. C. a meados do século XII d. C, a Costa Oriental africana conhece um desenvolvimento constante das cidades, com a chegada dos árabes, devido a motivos

¹⁸A Antiguidade africana não se compara com a da história do Ocidente, que se identifica com a Antiguidade “clássica”, e encerra com as invasões bárbaras, mas encerra com o súbito aparecimento do Islã, o alcance de seu impacto. O Islã representa uma rutura com o passado que poderíamos chamar antigo, pré-histórico ou proto-histórico, conforme a região. Também é fato que, desde a época helenística, a maior parte de nossas fontes antigas são escritas em grego e latim, (Djait,2010:78).

¹⁹Azania, assim chamavam os romanos à Costa Oriental africana.

²⁰Sul da península arábica.

²¹O *Períplo do Mar da Eritreia* é uma obra direta sobre a Costa Oriental Africana, anônima, aparentemente escrita por um agente comercial grego, baseado em testemunhas oculares. Calcula-se que tenha sido composta cerca do século I d. C., (Djait 2010:89 e Sheriff 2010:57). Descreve a população da costa e suas atividades, o comércio marítimo, estruturas políticas então existentes.

religiosos²² e comerciais. De Mogadício desciam a costa até Sofala, para levarem o ouro extraído no planalto do Zimbabue e escravos do Zambeze e Limpopo (Ki-Zerbo 1972:157).

Dos árabes que escreveram muito sobre a África Oriental, destacam-se Al Masudi (séc. X), Ibn Batuta (séc. XIV) e Al Idrisi, Buzurg Ibn Shariyan. Todos eles falam da costa como sendo o país de Zindj ou dos negros (Ki-Zerbo 1972:242 e Djait 2010:97).

Outra fonte sobre navegação é da autoria de Ahmad Ibn Majid²³ (início do século XVI). Contém muita informação topográfica, relação das distâncias, mapa das rotas marítimas, no oceano Índico, e na costa oriental em particular (Barradas 1967:18-22 e Hrbek 2010:118). Também os geógrafos chineses tinham um conhecimento destas regiões, desde o século X (Ki-Zerbo 1972:157).

5.2.3. Fontes portuguesas

Se desde o início da segunda metade do primeiro milênio d.C. predominam textos “clássicos” e árabes, a partir do século XV estes esgotam-se, e começam os documentos europeus. Esta mudança de natureza e de procedência das fontes traduz também uma alteração no destino histórico da África. O século XV é o século da expansão europeia, e os portugueses chegam às costas da África negra em 1482; vinte anos antes (1462) já se haviam estabelecido em Ceuta (Djait 2010:78 - 79).

As primeiras informações portuguesas quase precisas sobre a região de Sofala; datam de 1482, quando Vasco da Gama escala em Moçambique (na baía de Inhambane), durante o seu percurso à Índia, e depois a partir de 1502, quando os Portugueses se fixaram em Sofala. Segundo Hrbek (2010:114), os primeiros relatos são de marinheiros portugueses ou holandeses cujos navios naufragaram na costa sudeste no decorrer dos séculos XVI e XVII. Mais tarde, são escritos livros e artigos por viajantes, comerciantes, oficiais, missionários, observadores diretos das sociedades africanas e do seu meio ambiente.

Neste contexto, destaca-se pela sua importância, o livro de Frei João dos Santos²⁴, de 1609, intitulada *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*²⁵. Contém vários

²²Por volta de 950 d.C. um grupo de emigrantes saiu de Xiraz, na Persa, para escapar da perseguição por serem xiitas pelos seus correligionários.

²³Ahmad Ibn Majid foi o piloto árabe que conduziu Vasco da Gama de Melind até a Índia.

²⁴ Padre Frei João dos Santos c.1560, natural de Évora, da ordem dos pregadores, esteve em Sofala entre 1584 a 1590, 1594 a 1595, trabalhando como pároco. Esteve 8 meses de 1591 em Tete, depois para Ilha de Moçambique. Em 1592 foi enviado para as Ilhas Quirimbas. Depois seguiu para Goa e regressou a Portugal em 1600.

²⁵ Frei João dos Santos, denomina Etiópia Oriental, parte Oriental da África Subsaariana (Dos Santos 1999).

conteúdos: geográficos, militares, navegação, antropológicos, político-económicos dos africanos, missionação, atividades comerciais, vegetação e fauna, os descobrimentos, etc. a respeito do império Português na África Oriental e no Oriente (Dos Santos 1999).

Ainda constam escritos sobre Sofala, da autoria de Duarte Barbosa (geógrafo), António de Saldanha capitão de Sofala e Moçambique (Newitt 1997: 27, 30, 31), de Pêro de Fogaça, feitor de Quíloa em 1506, Diogo de Alcáçova, que esteve alguns meses do ano 1506 em Sofala, a referência sobre viagem de António Fernandes por Manica e Estado de Mutapa, c.1512, e a carta de 1515, de João Vaz de Almada (Liesegang 1989:22).

O período do século XVII até 1740 está mal documentado. Durante este período, a ação política tinha passado para o vale do rio Zambeze e para o planalto do Zimbabwe, e a ilha de Moçambique era o entreposto comercial, mais importante do que Sofala. Entre 1796 e 1846 há referências mais detalhadas sobre interior de Sofala, de João Julião da Silva, a respeito de posse de terras, e o quotidiano em Sofala (Liesegang 1989:23).

No Arquivo Histórico de Moçambique, as escassas fontes primárias que restam sobre Sofala, datam do século XIX e início do século XX. São documentos primários, avulsos e de natureza diversificada, maioritariamente administrativos²⁶ e financeiros²⁷. Talvez os documentos de épocas passadas (início do século XVI) tenham sido extraviados, perdidos, ou repatriados para a metrópole. Esta situação da ausência de fontes desde o século XV, torna difícil a reconstrução da informação deste período. Embora exista alguma informação, de categoria secundária ou terciária, o desejo de ir até as bases é maior.

No cômputo geral, estas fontes apresentam informações sobre o momento da fixação portuguesa em Sofala, sua expansão para o interior, relações estabelecidas com a comunidade local, principalmente com os chefes, referências sobre as atividades comerciais, principalmente, o comércio de ouro. Informações sobre a geografia e fauna local retratam da experiência do autor sobre a região. E caracterizam-se por uma tendência eurocentrista na sua abordagem.

²⁶ Códices, correspondências oficiais, ordens expedidas, requerimentos, participações diversas, autos, etc.

²⁷ Requisições e receitas de recebimentos e balancetes de despesas.

CAPÍTULO VI: HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA DA IDADE DO FERRO EM MOÇAMBIQUE

A pesquisa arqueológica sobre a Idade de Ferro em Moçambique, ou mesmo dos estudos arqueológicos em geral, dissocia-se com o desejo de desenvolver a ciência arqueológica em si, como ciência humana, muito relevante para o conhecimento de vários aspetos do passado humano, inacessíveis por documentos escritos. Está, contudo, intimamente ligada ao avanço da política do governo colonial no país, precisamente a partir dos anos trinta do século XX, que se caracterizou por uma intervenção mais direta na colónia. E isto, de entre muitos elementos, exigia o conhecimento das comunidades locais. A respeito disto, Santos Júnior (1936:18) dizia:

O conhecimento científico das nossas colónias requer uma urgente e patriótica campanha, que é necessária realizar com fervoroso e entusiasmo, com amor com vontade decidida [...] É preciso conhecer bem as características físicas dos indígenas, as suas tendências diretamente relacionadas com temperamentos, a sua psicologia, os seus usos e costumes, para que bem possamos aproveitar as qualidades das raças e jogando muitas vezes com os seus próprios vícios ou defeitos, deles tirar partido para a grande obra da política colonial...

Neste contexto, em 1936 cria-se a “Missão” Antropológica de Moçambique (MAM) pelo Dr. Francisco Vieira Machado, então ministro das colónias portuguesas (Santos Júnior 1944), encabeçado por Mendes Correia, e assistido por Santos Júnior, cuja missão era, recolher dados antropológicos²⁸, etnográficos²⁹ e arqueológicos³⁰ para a “apreciação somática das tribos e sua relação de similitude ou diversidade” e, elaborar uma carta etnográfica de Moçambique. Por exemplo, no decurso das atividades da segunda MAM em 1937, Santos Júnior recolheu cerâmica da IF nas imediações da atual cidade de Tete (Rodrigues 2006a) e na quarta “missão” em 1946 recolheu-a igualmente em Riane, Malessane e Songo (Rodrigues 2006b, 2009 e Sena-Martinez 2013). Neste âmbito, muitos vestígios arqueológicos teriam

²⁸ A **Antropologia** é um dos melhores, senão o melhor instrumento ao serviço da política indígena. A Antropologia física estabelece as afinidades somáticas, procura descobrir parentescos ou definir com precisão, a natureza étnica das diferentes tribos.

²⁹ Os dados **etnográficos** pela observação do quotidiano dos negros, as suas necessidades materiais, a maneira como os indígenas as conseguem satisfazer, e a manifestação dos seus sentimentos de origem espiritual, daria a chave indispensável para entrarmos com segurança no conhecimento da vida material e moral.

³⁰ Os dados **arqueológicos** possibilitariam o estudo das velhas culturas, desvendar origens, e fornecer a Antropologia os rumos que a orientam, no complexo estabelecimento de muitos problemas etnológicos de origem.

sido reunidos e enviados para a metrópole por Santos Júnior e sua comitiva e, a maior parte deste acervo, encontra-se no Instituto de Investigação Científica Tropical (Rodrigues 2006b).

Em Massingir, L. Barradas, S. Carvalho e R. Manson na década de 1970, encontraram vestígios da Idade da Pedra (IP) e IF durante trabalhos da barragem hidroagrícola no rio dos Elefantes, afluente do Limpopo (Morais 1988: 42). Seguindo referências de L. Barradas (1967) sobre estações arqueológicas na Velha Mambone e menções de Sofala, Dickinson (1969, 1970a e 1970b, 1971) pesquisou Sofala com objetivo de examinar a cerâmica e datar os assentamentos. O fracasso dos seus intentos levou Liesegang (1972) a prospectar a antiga feitoria de Sofala e a reinterpretar a cerâmica, procurando explicá-la como primeiro assentamento português e seu declínio. Ao mesmo tempo, Ramos e Rodrigues (1978) inserido no trabalho da barragem de Cahora-Bassa em Tete, da pesquisa feita acharam vestígios cerâmicos e da fauna.

A partir de 1975, as pesquisas arqueológicas são projetadas para o estudo dos últimos períodos da História, estudando as origens da atual sociedade moçambicana, grande parte dela resultante de migrações dos povos falantes das línguas Bantu, (DAA/UEM 1980:4). Isto ditou o desenho de novos programas de pesquisas para esclarecer processos de mudança na sociedade pré-colonial (Morais 1988:48), compilar e explicar dados arqueológicos, valorizar raízes pré-histórica e históricas que justifiquem as bases de estudo da Arqueologia ao nível nacional (Sinclair *et al* 1993:409).

Em 1976 foi lançado o programa de levantamento arqueológico (Morais 1989), e estabelecido em 1978. Mas devido à ausência de profissionais qualificados, recursos económicos, técnicos e infraestruturais, agravados pela guerra civil, as pesquisas foram concentradas ao nível da IF e perto das cidades.

A partir deste contexto foram estudadas muitas estações de IF no país, na zona sul-central, a saber: Nhachengue, Manyikene, Chibuene, complexo de Bazaruto, Marrape, Hola Hala e Mavita; no sul: Matola, Campus Universitário, Xai-Xai, Bilene P.O., Siaia, Chaimite, Chibuto, Caimane e Zitundo, Inhaca P.O. e rio Tembe. No norte foram igualmente estudadas: Chakota, Nakwaho, Riane, Mwakone, Namialo, Namolepiwa, Muhekane, Nampula, Murrapania, Namikopo, Mutawania Monapo, Makohere, Tototo, Tikinua, Serra Mesa e Muse. Lumbo, Ilha do Ibo, Armazia, Chokas, Somana, Pangane, Gomene (Morais 1988: 51-58 Adamowicz 1987, Sinclair, *et al.* 1987, Sinclair 1991:187-192, Macamo 2006).



Fig. 6.1 – Distribuição espacial das principais estações arqueológicas conhecidas e algumas delas estudadas entre 1975 e 1990 (Sinclair 1993:414).

Da Ilha de Moçambique conhecem-se as tradições Sancul e Lumbo (Duarte 1994) típicas da zona norte (Sinclair 1985; Duarte 1993) e distribuem-se desta parte até ao arquipélago das Quirimbas. A reinterpretação dos vestígios cerâmicos da MAM é-nos dada recentemente para a cidade de Tete por Rodrigues (2006a), para Riane e Gorué (Rodrigues 2006b), e ainda para o Songo (Rodrigues 2009).

“Lugares privilegiados” de sociedades pré-coloniais na zona sul-central de Moçambique, é uma terminologia concebida por Macamo (2006) para se referir à localização preferencial das estações arqueológicas durante o primeiro e segundo milênios AD, onde inclui estudos cerâmicos das estações arqueológicas de Manyikeni, Niamara, Songo e Degue-Mufa. Madiquida (2006) com base nos estudos cerâmicos em Chinde, Marromeu e Sena, demonstra a ocupação do vale do Zambezi, desde a Idade da Pedra Superior. Madiquida, no trabalho de 2007, prova a interação e mudança cultural, das comunidades de Idade de Ferro Superior na costa de Cabo Delgado. Enquanto isso, Muianga (2013) faz uma referência singela a vestígios cerâmicos na região de Cahora Bassa.

A informação acima exposta sintetiza as pesquisas sobre a IF em Moçambique. Independentemente do seu período e autor (es), os vestígios recolhidos durante tais pesquisas

constituem património inestimável. O resultado das pesquisas, por um lado, permitiu conhecer muitos aspetos das comunidades durante o primeiro e segundo milénios AD, designadamente, padrões de assentamento, modo de vida, práticas culturais, artísticas, organização social, política e económica, etc... o que permitiu compreender melhor a definição e construção da identidade do povo moçambicano, bem como a reconstrução da sua história. Por outro lado, é claro que as mesmas pesquisas nos apresentam muitas assimetrias regionais: distribuem-se tendencialmente pela zona costeira, enquanto as zonas do interior ainda continua anónimo. Mas, acima de tudo, o maior vazio transparece da sua exiguidade em Sofala.

CAPÍTULO VII: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO MATERIAL

7.1. Composição da amostra

A coleção da Ponta de Sofala é composta por três grupos tecnológicos cerâmicos: 1) cerâmica local africana; 2) faiança e 3) porcelana. A categorização acima exposta baseia-se na natureza e nas características específicas de fabrico a cada grupo tecnológico, observação visual dos cacos, suas pastas, técnicas de manufatura, etc.

O seguinte quadro ilustra em termos numéricos, a quantidade dos fragmentos, quer para toda coleção, quer para cada grupo tecnológico específico.

Categorias	Quantidade	Total
Cerâmica local	69	610
Faiança	163	
Porcelana	370	

Tabela 7.1 - Universo da amostra

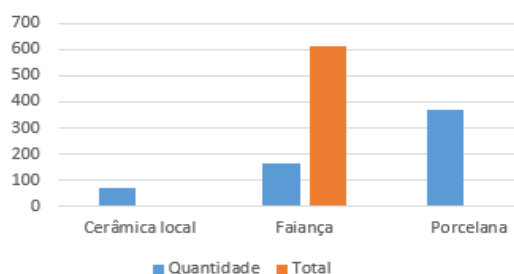


Gráfico 7.1 - Universo da amostra

Da tabela 4.1 e do gráfico 6.1 acima expostos, conclui-se que a cerâmica local africana apresenta a parte ínfima da amostra, com 11.3 % de cacos de potes e pratos, dos quais ainda se identificam as partes de bases, bojo e dos bordos. A faiança cobre 26% da parte da amostra, representando utensílios de mesa e de formas abertas, dos quais também restam fragmentos de bases, bordo e algumas partes indetermináveis. A maior fração de amostra é composta pela porcelana, com 60.7%, cujos fragmentos encontram-se muito fragmentados.

7.2. Número mínimo dos indivíduos (NMI)

Durante a análise dos materiais não foi estudado ou estimado o NMI que possivelmente compunha a coleção pelas seguintes razões: i) Na classe da cerâmica local os fragmentos apresentam diferenças significativas, ao nível do perfil dos bordos, espessura das pastas, a coloração das pastas e das superfícies, a presença ou não da decoração e a sua diferenciação; ii) A classe da faiança apesar de apresentar pouco fragmentos apresenta diferenciação ao nível dos motivos decorativos, espessuras das pastas e tipos morfológicos também diferentes; iii) No grupo da porcelana ocorrem os mesmos problemas apresentados para a classe da cerâmica local e da faiança, e ainda são exacerbados pelo maior índice de fragmentação dos vestígios. Portanto os fatores expostos nas alíneas i), ii) e iii) dificultaram a associação de características específicas relativas a um possível objeto original, sendo virtualmente impossível conseguirem-se colagens que finalmente quando congregadas a cada grupo tecnológico particular ajudariam a estimar o seu NMI.

7.3. Caracterização da coleção

Para cada grupo tecnológico, foram selecionados elementos que guiam a caracterização, por forma a absorver o maior número possível de aspetos técnico e morfológicos das cerâmicas em estudo. A caracterização pode ser complementada pelas imagens fotográficas e desenhos de alguns fragmentos da coleção, em que constam dos anexos 1 e 2. Os elementos que guiam a caracterização são:

- a) O tipo de argilas, cozedura e forma de execução;
- b) Natureza, forma, frequência e proporções das inclusões;
- c) Tipo de textura, dureza, revestimento das pastas e cor da superfície;
- d) Tipos morfológico-funcional;
- e) Forma de acabamento da superfície;
- f) Técnicas e motivos decorativos.

7.3.1. Cerâmica local

Este grupo tecnológico, os seus fragmentos são compostos por bordos pintados (principalmente pratos), bordos decorados (potes), bordos sem decoração (maioritariamente pratos, mas também potes) e bases de potes e pratos.

A cerâmica local apresenta três tipos técnicos decorativos, nomeadamente, a incisão, impressão e pintura. A incisão e a impressão são mais dominante nos potes, executados principalmente na superfície externa do objeto, frequentemente no ombro e no bordo e, em alguns casos no bojo, raras vezes na superfície interna do objeto. Enquanto isso, a pintura é frequente nos utensílios de mesa, muitas vezes, no interior dos objetos. Verificou-se um caso de um bordo contendo decoração plástica ou aplicação. Os motivos decorativos expressam uma diversidade de estilos ou modos empregues, embora a sua execução seja pobre em termos de organização, execução, etc.

7.3.1.1. O tipo de argilas, cozedura e forma de execução

As argilas usadas para a cerâmica local são não calcárias, e as cerâmicas foram cozidas com recursos a técnicas rudimentares (fogueiras), desde a abertura de uma cova, onde são enterradas as cerâmicas, em seguida sobrepondo o fogo, até o empilhamento das cerâmicas ao ar livre e, cobertas de lenha, depois arder (Costa 2007:53-54). A forma de execução foi a modelação a mão.

7.3.1.2 Natureza, forma, frequência e proporções das inclusões

A natureza das inclusões é difícil de identificar devido a cor negra e cinzenta das pastas, mas mesmo assim, é possível assinalar pedaços de conchas, mas que devido à sua raridade, provavelmente não teriam sido adicionados intencionalmente.

O quartzo ocorre com frequência nas pastas e com formas angulosas. Isto denota seu uso intencional e quase frequente. O tamanho das inclusões do quartzo varia entre 2 a 3 mm, mas por vezes atinge 4mm. Devido ao tamanho maior de algumas inclusões do quartzo, associado ao processo de uso do objeto, algumas inclusões de quartzo situadas na superfície, removeram-se deixando pequenas cavidades. Em paralelo ao quartzo encontram-se também outras inclusões compostas por pedrinhas não identificadas.

As micas³¹ estão presentes e são inconfundíveis devido ao seu característico brilho. Também estão presentes restos de cerâmica, reduzidos em pedaços finos. Por vezes nas pastas aparecem vácuos que denotam a existência de material vegetal nas inclusões (pequenos pauzinhos de aproximadamente 0.5 a 1cm de comprimento), sendo que os que estavam na superfície teriam sido queimados (tal como as conchas) durante a cozedura do objeto, deixando um espaço vazio. A frequência reduzida dos pauzinhos excluem a ideia de uma adição intencional, sendo possível que talvez estivessem na areia adicionada.

7.3.1.3 Tipo de textura, dureza, revestimento das pastas e cor da superfície

A textura das pastas não é homogênea. Há casos em que as pastas apresentam maior índice de porosidade, onde pelo simples tato dos dedos se sente uma superfície rugosa, ou pela observação, detetam-se inclusões salientes na superfície. Mas existem outros casos de superfícies lisas. Outro aspeto é que devido à idade do objeto ou pelo seu uso, as superfícies externas alisadas estão gastas, deixando inclusões salientes. As superfícies de alguns fragmentos apresentam rachas, mas não se sabe se são consequência de choque mecânico, ou do processo de cozedura. As pastas são todas finas, embora o fino varie de acordo com o tamanho do objeto original, podendo assim dizer-se que os objetos mais pequenos são muito finos, quando comparados com objetos médios ou maiores.

As pastas não são muito duras, contendo cores cinzentas, negras, raras vezes castanhas. Algumas pastas são pouco permeáveis a líquidos. Isto reflete em grande medida o seu tipo de cozedura (fogueiras), porque estas cores podem-se encontrar distribuídas de forma diferente no mesmo fragmento ou em fragmentos similares. Calcula-se que o tempo de cozedura não teria sido suficiente, devido a ausência de lenha, ou quando a lenha acabasse teria sido difícil adicionar outra lenha que garantisse uma cozedura suficiente. Ou a lenha aplicada pelo ceramista seria suficiente para produzir objetos de uso doméstico, sem se preocupar com questões de maior dureza dos mesmos. Isto revela a existência de elementos técnicos psicológicos do ceramista que escapam na interpretação.

Os potes que serviam para a cozedura dos alimentos não apresentam nenhum revestimento das pastas, exceto aqueles que serviam para a conserva de líquidos, cereais, e para fermentar

³¹ Mica é um tipo de filossilicato, com uma estrutura em folha ou camada bidimensional. Naturalmente ocorre em rochas ígneas, metamórficas e sedimentares. Os cristais de micas são usados para vários fins. A argila pré-câmbrica tem ocorrência de micas, o que justifica algumas manchas de micas nos objetos cerâmicos. Há casos em que alguns objetos cerâmicos são revestidos por argila micácea densa para fornecer um acabamento brilhante.

alimentos. O revestimento destes é feito na superfície externa. Mas diferentemente dos potes, os pratos todos encontram-se revestidos, principalmente na superfície interna. O principal revestimento é a pintura e mais raramente o engobe. Na pintura, o vermelho é dominante, entre o amarelo, castanho e laranja. A pintura vermelha e o engobe aplicadas nas cerâmicas locais talvez derivem de influência externa (tradição Suaíli, faiança e porcelana).

A cor da superfície dos fragmentos é muito diversificada, como reflexo do seu modo de cozedura (fogueiras). Assim distinguem as seguintes cores das superfícies, preto/escuro, cinzento, castanho, e poucas vezes vermelho. A cor castanha pode variar entre o castanho-escuro e claro, e normalmente associa-se com o cinzento no mesmo fragmento. A cor vermelha aparece muito mais na superfície externa, enquanto as superfícies internas podem ser de cor castanho-claro.

7.3.1.4. Tipos morfológico-funcionais

Em certos casos, partindo dos fragmentos não é fácil determinar a forma morfológica dos objetos originais. Mas apesar disso, todos os potes parecem ter formas esféricas. Da observação da forma de orientação dos bordos, medida do diâmetro, bem como de algumas bases, foram deduzidas alguns tipos morfológicos, tais como semi-esféricos, ovoides, trancocônicos, elipsoide, hemisféricos. Também existe um caso de uma forma cilíndrica (pequeno objeto que se presume, ser de uso cerimonial) e uma forma retangular (talvez um almofariz).

A análise de frequência das formas das bases, forma e orientação dos bordos e, a forma do lábio, ao nível dos potes, obedece as tabelas que abaixo se seguem:

Anelar	Convexo	Côncavo	Plano	Aresta	Total
5	9	1	13	1	29

Tabela 7.2 - Bases dos potes da cerâmica local

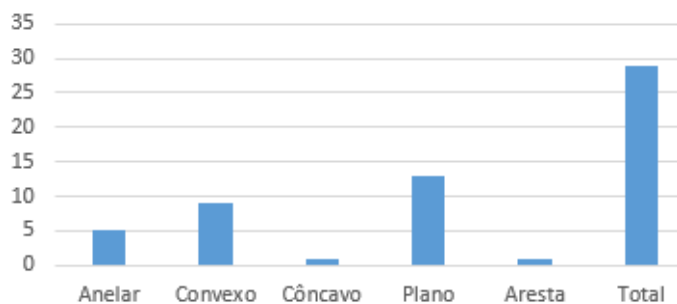


Gráfico 7.2 - Frequência da forma das bases dos potes da cerâmica local

Reto	Reentrante	Esvasado	Semi-esvasado	Extrovertido	C. inflexões	Total
5	5	45	9	0	0	64

Tabela 7.3 - Frequência da forma e orientação dos bordos dos potes da cerâmica local

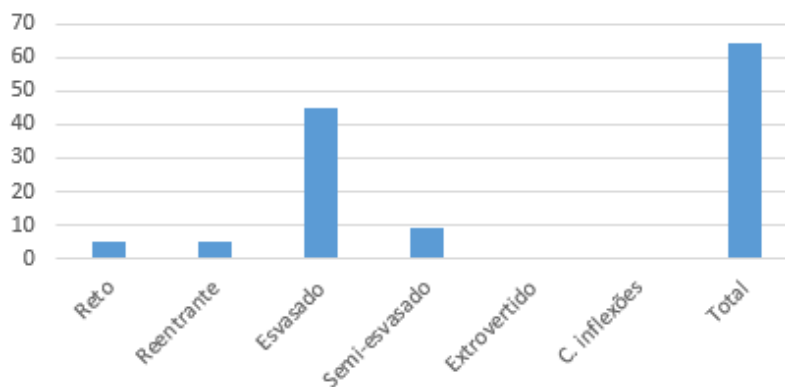


Gráfico 7.3 - Frequência da forma e orientação dos bordos dos potes da cerâmica local

Re to	Apla nado	Afil ado	Ponti agud o	Bolea do	Arredondado	Con vex o	Espesso			Bissel ado		Total
							In t	Si m	E xt	I n t	Ex t	
5	4	12	5	21	2	6		3	0	0	2	60

Tabela 7.4 - Frequência da forma do lábio nos potes da cerâmica local

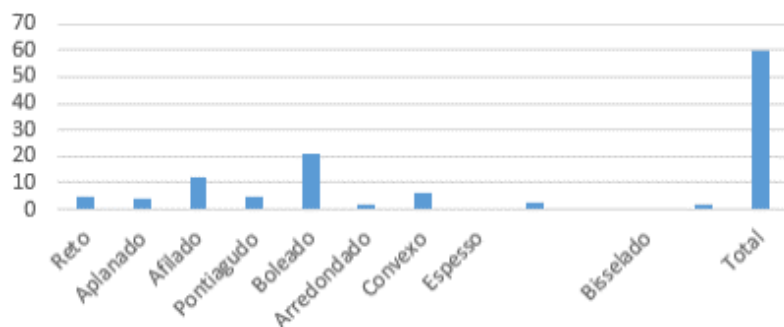


Gráfico 7.4 - Frequência da forma do lábio dos potes da cerâmica local

Neste grupo tecnológico, predominam as bases planas, seguidas de bases convexas e por fim as bases de forma anelar. Os bordos são maioritariamente esvasados e, em casos raros, ocorrem as formas semi-esvasados, reentrantes e retas. As formas dos lábios são maioritariamente boleados, seguindo-se as formas afiladas, e no terceiro lugar, as formas convexas, retas e pontiuagudas.

Os pratos, devido à sua ínfima quantidade, não apresentam muita diversificação em termos de formas dos bordos, bases e lábios, tal como ilustram as seguintes tabelas.

Anelar	Convexo	Côncavo	Plano	Aresta	Total
0	0	0	1	0	1

Tabela 7.5 - Frequência da forma das bases dos pratos da cerâmica local

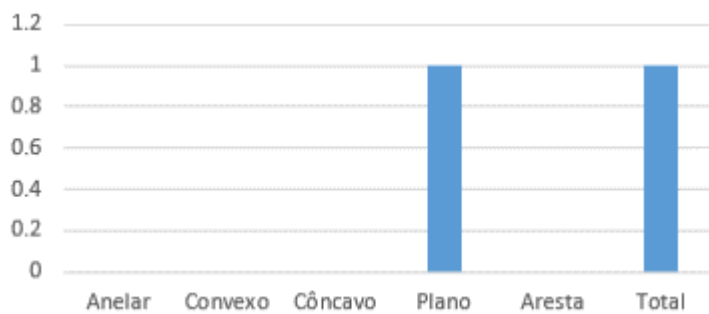


Gráfico 7.5 - Frequência da forma das bases dos pratos da cerâmica local

Reto	Reentrante	Esvasado	Semi-esvasado	Extrovertido	C. inflexões	Total
3	4	5	0	0	0	12

Tabela 7.6 - Frequência da forma e orientação dos bordos dos pratos da cerâmica local

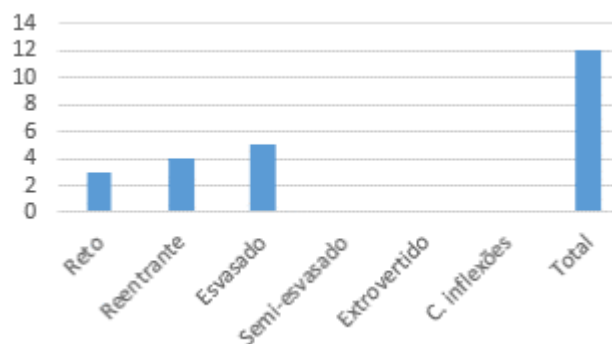


Gráfico 7.6 - Frequência da forma e orientação do bordo dos pratos da cerâmica local

Ret o	Apla nado	Afil ado	Ponti agud o	Bolead o	Arre dond ado	Con vexo	Espesso			Bissel ado		Total
							In t	Si m	E xt	I n t	Ex t	
6	0	4	0	1	0	5	0	0	0	3	0	19

Tabela 7.7 - Frequência da forma do lábio dos pratos da cerâmica local

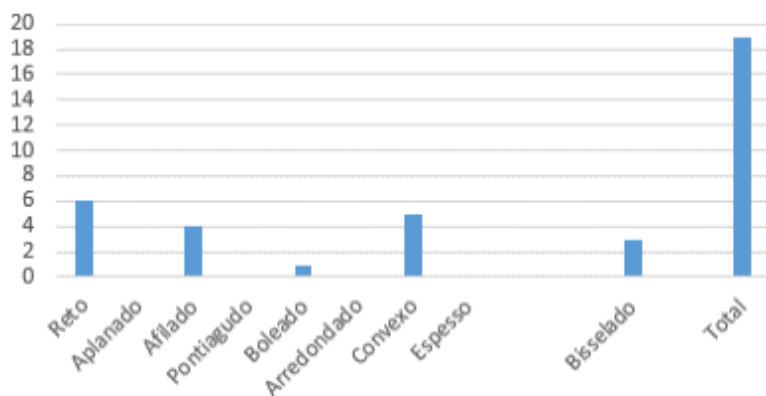


Gráfico 7.7 - Frequência da forma do lábio nos pratos da cerâmica local

Nos pratos apenas ocorre uma base plana, e com uma diversificação dos bordos esvasados e reto (técnicas estrangeira) em paralelo com bordos reentrantes (técnica local). Os lábios conjugam formas retas, convexa e afiladas.

Na incapacidade de determinar ou associar a forma de um objeto a uma determinada figura geométrica, optou-se pela identificação da sua função. Assim sendo, distinguem-se os seguintes objetos tais como pratos e tacho.

7.3.1.5 Forma de acabamento da superfície

A forma de acabamento foi o alisamento das superfícies dos objetos pelas mãos, seixos, ou por outros objetos sólidos desconhecidos. Quando se trata de potes, o seu interior aparece mal alisado/trabalhado, com superfícies não homogêneas. Este fato talvez derive da sua inacessibilidade completa, se comparada com a superfície externa, depois da modelagem do objeto. Enquanto isso, os pratos com formas abertas, estão minimamente alisados, embora as superfícies estejam pouco onduladas, devido à sua forma de execução.

7.3.1.6 Técnicas e motivos decorativos

7.3.1.6.1. Incisão

- a) Duas linhas incisadas no ombro, paralelas e horizontais, separadas por uma banda de linhas horizontais, também incisadas, quer finas mais apertadas, quer grossas menos apertadas;
- b) Conjunto de linhas incisadas oblíquas opostas no ombro (*Crosshatching*);
- c) Três linhas quebradas incisadas no gargalo que se cruzam entre si (*ziguezague*);
- d) Incisão pós-cozedura de triângulos no bojo, ligados por linhas também incisadas.

- e) Conjunto de linhas incisadas oblíquas à direita, sobrepostas por linhas oblíquas, também incisadas, mas separadas por um espaço de aproximadamente um centímetro;
- f) Incisão de uma linha horizontal quebrada no gargalo (*zigzague*);
- g) Duas linhas incisadas e paralelas no gargalo, separados por conjunto de pontos impressos;
- h) Linha vertical incisada no ombro;
- i) Linhas incisadas no ombro e semi-onduladas, ou em jeito de um “S” oblíquo a esquerda, sobrepostas por linhas também incisadas afastadas e oblíquas a direita;
- j) Linhas incisadas, oblíquas a esquerda, vertical e horizontal, vindas da base ou do lado direito, convergente no bojo;
- k) Duas linhas incisadas no ombro, uma horizontal e outra quebrada, separadas por linhas também incisadas oblíquas a esquerda;
- l) Pares de linhas horizontais incisadas no gargalo separadas, também por um conjunto de linhas incisadas duas a duas, oblíquas e opostas. E seguidas no bordo por linhas incisadas duplas, mas quebradas;
- m) Uma linha horizontal incisada no ombro, sobreposta por um conjunto de linhas também incisadas, mas oblíquas a direita. Seguida no bojo por 3 linhas quebradas, incisadas e separadas por um espaço de aproximadamente 1.5cm;
- n) Uma linha horizontal incisada no ombro, cortada por duas linhas verticais paralelas, também incisada;
- o) Duas linhas quebradas, horizontais incisadas no gargalo, e sobrepostas, dando um aspeto da briga das cobras;
- p) Conjunto de linhas incisadas oblíquas a direita, alternadas por linhas também incisadas mas oblíquas a esquerda;
- q) Linhas simples incisadas oblíquas a esquerda e afastadas por um espaço de 1cm;
- s) Linhas fechadas incisadas no ombro, executadas possivelmente por um osso fino, dando um aspeto de “V”, alternado entre o “V” direito e invertido;

7.3.1.6.2. Impressão

- a) Pontos impressos no gargalo ou no ombro, formando uma ou duas linhas horizontais (denticulados);
- b) Uma linha horizontal impressa no gargalo;
- c) Duas linhas oblíquas impressas do gargalo até o ombro, separadas por um espaço de aproximadamente 2cm;
- d) Impressões de triângulos isósceles no ombro, e que alternam a sua posição (relevo);
- e) Pontos impressos no ombro, que dão aspeto de linhas oblíquos a direita;

7.3.1.6.3. Pintura

Para o caso de louça de mesa, a pintura foi executada principalmente na superfície interna dos objetos, e às vezes na superfície externa, no bordo. Quando se trata de potes de conserva de líquidos ou cereais, a pintura está na parte externa, no bojo. As cores, vermelha e castanha são dominantes, em relação às cores preta e laranja. Por vezes a grafite é usada para pintar as cerâmicas, dos ombros até ao bordo, na superfície externa, intercalando a pintura vermelha (louça Suaflí).

7.3.2. Faiança

A caracterização deste grupo cerâmico encontra um problema, associado ao estado avançado de degradação de parte das suas peças. São todos fragmentos de louça de mesa, e alguns fragmentos estão em avançado estado de degradação ou corrosão, transformando-se em pó facilmente, removendo os motivos decorativos. Talvez este problema seja devido ao sal, porque segundo Armando Reis Moura (o colecionador) os fragmentos foram encontradas na zona entre marés, no espaço entre fortaleza e a então povoação. Neste local, as cerâmicas tiveram contato com a água do mar, e a prova disso, são pequenos pontos brancos formados na superfície das pastas, de toda coleção. Também a corrosão pode ser explicada pela idade das cerâmicas, e mau estado de conservação (más condições climáticas, luz e temperatura inadequadas, poeira, etc.) em que se encontram as cerâmicas.

7.3.2.1. O tipo de argilas, forma de execução e cozedura

As argilas que produziram as faianças foram do tipo caulínicas, e que se caracterizam por apresentar uma cor muito branca. Os objetos foram feitos com recurso a torno rápido, embora haja um caso que se denota o uso da roda do oleiro, aparentemente cozidos em ambientes oxidantes.

7.3.2.2. Natureza, forma, frequência e proporções das inclusões

As argilas não apresentam nenhuns resíduos nem inclusões, ou se existem, não podem ser detetados macroscopicamente. Este resultado pode ser consequência da lavagem e moagem da matéria-prima (argilas), os componentes são misturados, peneirados e prensados. Depois forma-se uma pasta homogénea com a retirada das bolas de ar em amassadores. Neste caso, a massa, ou volta a ter uma consistência pastosa com a adição da água, ou é seca e pulverizada para a prensagem (EMI:1981:2253).

7.3.2.3. Tipo de textura, dureza, revestimento das pastas e cor da superfície

As pastas também são semi-compactas e ligeiramente porosas. A espessura das pastas é tendencialmente fina, mas isto depende do tamanho do objeto original. A maior espessura das pastas regista-se na zona da base. Também as pastas são mais duras do que as pastas da cerâmica local, mas menos duras em relação à porcelana. Em termos de peso, as pastas da faiança são relativamente leves, se comparadas com as pastas das duas categorias em estudo. Todas as pastas foram esmaltadas, e algumas vitrificadas, o que lhes confere impermeabilidade a líquidos, bem como dureza. Enquanto aquelas que não foram vitrificadas, são propensas à degradação superficial ou completa.

Todas as cores das superfícies são brancas, como reflexo das suas pastas e do esmalte. O elemento diferenciador é a decoração com recurso a pintura, principalmente nas superfícies internas. Foram verificados dois casos de coloração diferente das pastas, sendo um caso amarelo, sem esmalte e o vidrado e, outro caso, é o da pasta que mistura a cor castanha e branca.

7.3.2.4. Tipos morfológico-funcional

Os tipos morfológicos dos objetos originais não são muito diversificados, talvez porque também não existem muitos fragmentos. Todas as formas são abertas, podendo serem classificadas como semiesféricas.

A análise de frequência das formas das bases, forma e orientação dos bordos e, a forma do lábio, encontram-se listadas nas tabelas que abaixo se seguem:

Anelar	Convexo	Côncavo	Plano	Aresta	Total
3	1	1	3	1	9

Tabela 7.8 - Frequência da forma das bases da faiança

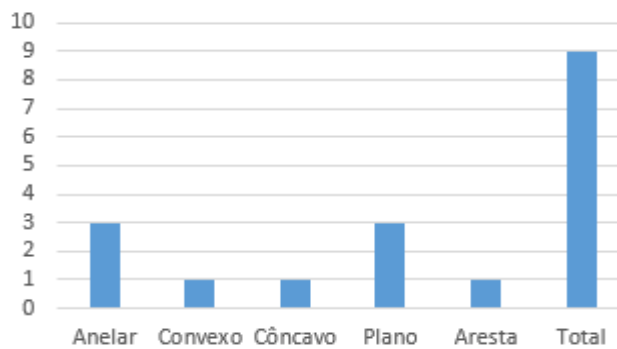


Gráfico 7.8 - Frequência da forma das bases da faiança

Reto	Reentrante	Esvasado	Semi-esvasado	Extrovertido	Espesso	C. inflexões	Total
10	5	34	2	2	6	7	66

Tabela 7.9 - Frequência da forma e orientação do bordo da faiança

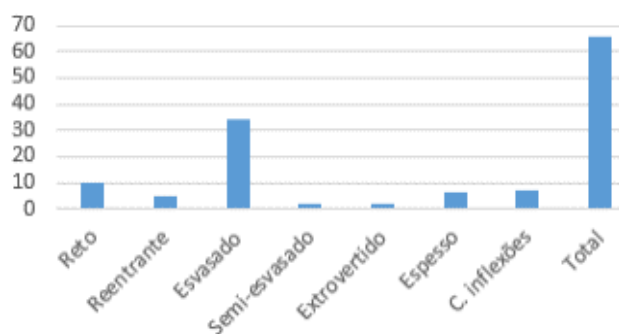


Gráfico 7.9 - Frequência da forma e orientação do bordo da faiança

Reto	Aplanado	Afilado	Pontiagudo	Boleado	Arredondado	Convexo	Espesso			Bisselado		Total
							Int	Sim	Ext	Int	Ext	
5	4	11	6	19	0	15	1		1		2	64

Tabela 7.10 - Frequência da forma do lábio da faiança

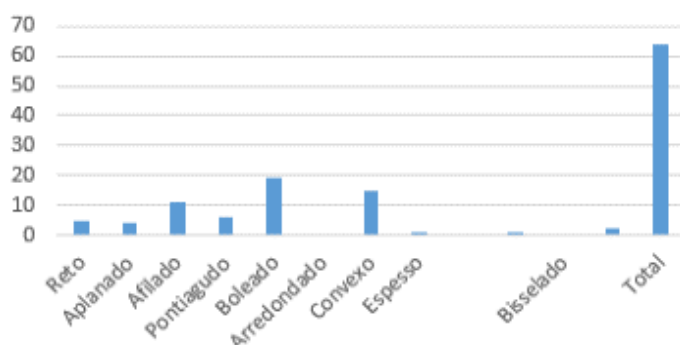


Gráfico 7.10 - Frequência da forma do lábio da faiança

Neste grupo, a pouca quantidade de fragmentos existentes, influencia a frequência de formas das bases, bordos e lábios. Assim sendo, ocorrem poucos casos de formas anelar e plana, bem como outras formas individualizadas de convexo, côncavo e aresta. Os bordos são predominantemente esvasados, em relação às formas retas, com inflexões, espesso e reentrante. Também predominam os lábios de forma convexa e boleado, e afilados.

Na dificuldade de identificar os tipos morfológicos, recorreu-se à possível função do objeto. Assim sendo, foram identificadas morfologias, como pratos. Mesmo assim, algumas morfologias continuaram indeterminadas.

7.3.2.5. Forma de acabamento da superfície

As superfícies teriam sido cuidadosamente polidas, criando superfícies totalmente homogêneas.

7.3.2.6. Técnicas e motivos decorativos

A pintura monocromática e policromática, com recursos a cores azul-cobalto (predominante) e azul-claro, o vinado, verde-escuro e claro, amarelo torado e o preto. A pintura foi executada preferencialmente na superfície interna, mas também ocorre na superfície externa, na parte do bordo. Assiste-se a duas situações de pintura, uma em que esta foi aplicada sobre o esmalte e seguindo-se o processo de vitrificação, e outra em que a pintura foi aplicada depois da esmalte e sem o vidrado. Neste último caso, a pigmentação pode-se remover por um simples aranhão de unha. Também ocorrem recipientes apenas esmaltados a branco, mas sem pintura.

7.3.3. Porcelana

O maior número de fragmentos é composto por porcelana chinesa, louça de mesa, tendencialmente de sobremesa. Esta situação não só pode ser explicada apenas pela existência de muitos recipientes originais, mas também, devido ao maior índice de fragmentação da porcelana. Apesar das suas pastas serem as mais duras, e contendo uma textura muito fina, este fato pode explicar a sua fragilidade ao choque mecânico.

7.3.3.1. O tipo de argilas, cozedura e forma de execução

Para a produção destas porcelanas foram usadas argilas caulínicas cozidas em atmosferas oxidantes com recurso ao torno rápido.

7.3.3.2. Natureza, forma, frequência e proporções das inclusões

As pastas da porcelana apresentam inclusões identificáveis macroscopicamente. Diferentemente da faiança, as pastas da porcelana não são muito brancas. Esta situação pode ser explicada pelo seu processo de produção, que segundo EMI (1981:2254) resulta da mistura do caulino³², quartzo e feldspato. O quartzo e feldspatos são moídos e pulverizados, a que se adiciona água e caulino. Todos os componentes são filtrados a água. Para engrossar a mistura, adiciona-se a soda, depois amassada, moldados, decorados antes ou depois da cozedura. Em seguida, os objetos são vitrificados em ambas as superfícies, o que lhes confere maior impermeabilidade, dureza e brilho

7.3.3.3. Tipo de textura, dureza, revestimento das pastas e cor da superfície

As pastas são muito compactas, não porosas, embora internamente apresentem alguns buraquinhos. As pastas foram vitrificadas. O vidrado no processo da sua aplicação às vezes não cobria totalmente o objeto, deixando alguns pontos ou espaços descobertos, o que cria uma sensação algo rugosa e localizada na superfície. Também parece que o vidrado quando

³² Caulino é uma rocha constituída de material argiloso, com baixo teor de ferro, cor branca ou quase branca; os caulinos são silicatos de alumínio hidratado cuja composição química aproxima-se de $Al_2O_3 \cdot 2SiO_2 \cdot 2H_2O$, contendo outros metais como impureza, (Luz e Damasceno 1993:3).

aplicado continha algumas inclusões, ou estava muito denso ou continha bolhas de ar. As falhas de aplicação total do vidrado são muito evidentes nas partes das bases dos recipientes.

De todos os fragmentos da coleção, as pastas da porcelana são as mais finas e com a massa relativamente com mais peso do que outros grupos tecnológicos, também em estudo. E as suas superfícies teriam sido bem polidas e pintadas antes da cozedura. A cor da superfície é totalmente branca.

7.3.3.4. Tipos morfológico-funcional

Torna-se impossível definir as formas de muitas das peças devido ao alto grau de fragmentação que a porcelana apresenta.

Anelar	2 x Anelar	Convexa	Côncavo	Plano	Aresta	Total
138	1	8	0	0	0	147

Tabela 7.11 - Frequência da forma das bases da porcelana

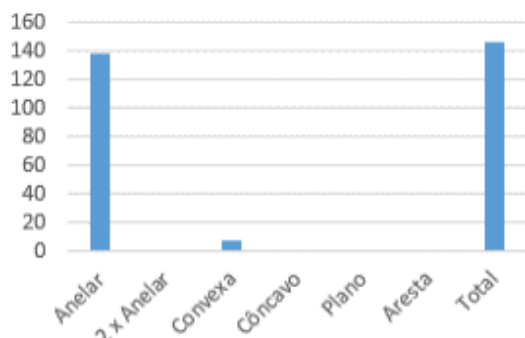


Gráfico 7.11 - Frequência da forma das bases da porcelana

Reto	Reentrante	Esvasado	Semi-esvasado	Extrovertido	Espesso	C. inflexões	Total
1	0	29	11	21	3	18	83

Tabela 7.12 – Frequência da orientação do bordo da porcelana

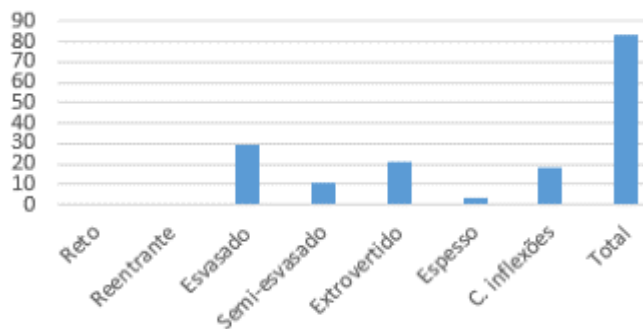


Gráfico 7.12 - Frequência da forma de orientação do bordo da porcelana

Ret o	Apla nado	Afil ado	Ponti agud o	Bolead o	Arre dond ado	Con vexo	Espesso			Bissel ado		Total
							In t	Si m et.	E xt	I n t	Ex t	
3	0	39	8	6	0	0	4	0	0	0	60	

Tabela 7.13 - Frequência do formato do lábio da porcelana

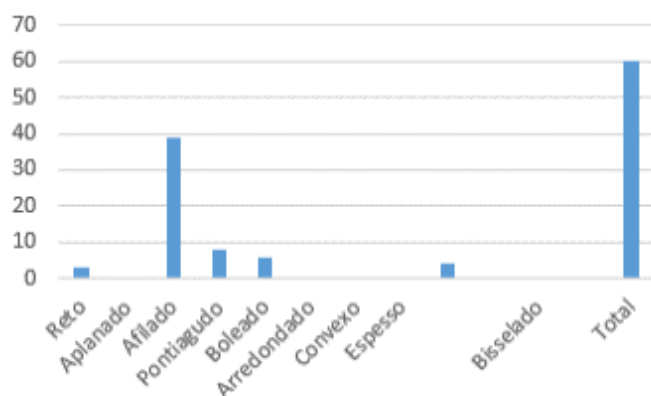


Gráfico 7.13 - Frequência do formato do lábio da porcelana

Morfologicamente todas as formas das bases da porcelana são quase anelares, havendo um caso particular de anelar duplo. Também ocorrem bases convexas em pequena escala, que denotam uma base anelar pouco desenvolvida. A base de forma anelar varia segundo a altura, sendo a base anelar baixa, com altura inferior a 4mm, base anelar normal, com altura que varia entre 4 a 7 mm; e base anelar alta com 8 a 15 mm. A forma de orientação dos bordos é

predominantemente esvasada/extrovertida e com inflexões, podendo este último ser também um elemento decorativo. Os lábios são afilados, pontiagudos e boleados, mas raras vezes espessos e retos.

Os objetos são todos circulares, podendo ser considerados como semiesféricos, cilíndricos, bem como outros tipos funcionais tais como, pratos, pires, taças, açucareiros e bule.

7.3.3.5. Forma de acabamento da superfície

As superfícies externas foram polidas, mas devido à vitrificação mal executada (possivelmente devido a existência inclusões na solução do vidro, ou estar mais densa, ser a última porção do vidro a usar, ou conter bolhas de ar) altera o polimento da superfície, criando um aspeto visual não homogéneo e uma sensação rugosa.

7.3.3.6. Técnicas e motivos decorativos

A pintura foi a principal técnica usada para decorar as porcelanas, havendo cinco casos de decoração repuxada na superfície externa, mas internamente pintada. Os motivos decorativos da porcelana são os mais difíceis de compreender porque para além de as cerâmicas estarem mais fragmentadas, os motivos usados na decoração, consistem muitas das vezes na combinação de vários elementos no mesmo espaço, cobrindo quase toda superfície do objeto, principalmente na parte interna.

Existem vários motivos geométricos: linhas grossas e finas, simples, duplas ou triplas, paralelas, e principalmente horizontais, localizadas preferencialmente no bordo, na base, e no pedestal. Normalmente estas linhas foram intercaladas por vários elementos, como plantas terrestres e aquáticas, gramíneas, flores, folhas das árvores, círculos e semicírculos sobrepostos, linhas oblíquas opostas, linhas verticais e pontos grossos ou finos despostos de forma horizontal. Dos motivos geométricos ainda se contam figuras triangulares, quadrados, hexágonos, e outros motivos também geométricos mas de difícil interpretação. Por vezes a pintura consistia numa simples passagem do pincel pela superfície do objeto sem recorrer a uma imagem específica. Das cores usadas, o azul-escuro é dominante, em relação ao castanho, preto e verde.

CAPÍTULO VIII: DISCUSSÃO

A reputação histórica e comercial de Sofala justificou as primeiras e subsequentes pesquisas arqueológicas a seu respeito, a partir da segunda metade do século XX. Sofala teria sido ocupada inicialmente por comunidades Bantu por volta do primeiro milênio AD, e mais tarde, por volta dos séculos VII e XV AD, por árabes e portugueses, respetivamente, ambos engajados na navegação marítima e nas atividades comerciais. Das análises técnico-morfológicas das cerâmicas da Ponta de Sofala, chegou-se a várias conclusões a respeito desta região e das comunidades que ali habitaram ou ainda habitam, e que merecem algumas reflexões.

Os recipientes de todos grupos tecnológicos da coleção da Ponta de Sofala, a partir da análise das suas formas, tais como potes, pratos, pires, tigelas, assim como outras formas que se resumem a formas geométricas, nomeadamente, esférica, semiesféricas, ovoides, etc, parecem ter sido usados para propósitos domésticos (cozedura, fermentação de alimentos, conservação, transporte dos alimentos ou outros artigos e como louça de mesa). Parece haver uma exceção: o objeto cilíndrico da olaria local, que se supõe tratar-se de um objeto cerimonial ou um cachimbo, porque no seu interior apresenta indícios de queimaduras e cinzas.

A análise técnica morfológica da coleção de cerâmica local da Ponta de Sofala, revelou existência de objetos com ausência de decoração, assimetrias das técnicas e motivos decorativos, uso da pintura e a conjugação das duas últimas formas. Esta desigualdade e variedade dos motivos decorativos da cerâmica possivelmente denota a diferenciação da criatividade e habilidades dos seus autores, embora o seu exato sentido cultural permaneça ainda oculto. A técnica decorativa mais predominante é a incisão de linhas oblíquas opostas, quebradas, horizontais, verticais. Existem ainda outras incisões com formas geométricas, como triângulos. As incisões localizam-se frequentemente no gargalo e nos ombros. Para Adamowicz (1987:60) a complexidade de motivos decorativos e recurso às conchas para temperar as argilas caracteriza a IFS em algumas partes da costa do oceano Índico.

Os motivos decorativos da cerâmica local da Ponta de Sofala, maioritariamente as incisões, assim como as impressões, mas em pequena escala, apresentam similitudes com as cerâmicas das estações de Chongoene, Xai-Xai, Nampula, Manyikene, Chibuene, Bilene, Degue-Mufa, Massingir, Malessane, Gorué, Foz do Lúrio e Niamara, tal como ilustra mapa 7.1 seguinte).

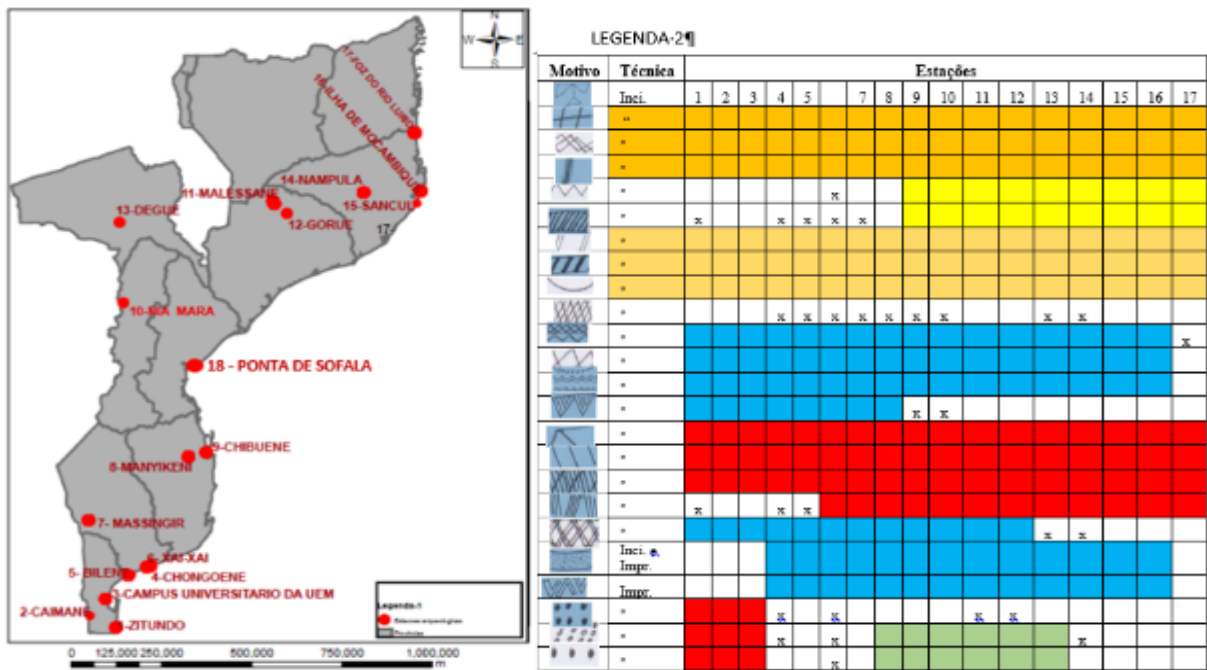


Fig. 1.1 – Similitudes das técnicas e motivos decorativos da estação de Ponta de Sofala comparada com outras estações já estudadas em Moçambique. Esta informação foi retirada dos trabalhos de Senna-Martinez *et al* (2013:5-6e 9-11), Madiquida (2007:74, 86 e 90), Macamo (2006:156), Morais (1988:57-119), Sinclair *et al* (1993:418) e Adamowicz (1987:79 e 134).

Esta similitude no modo de decoração das cerâmica acima exposta, demonstra maior possibilidade de contacto e a interação entre as comunidades da zona costeira com as do interior de Moçambique durante a IFS, do que o desenvolvimento das técnicas locais. E apesar das diferenças geográficas, linguísticas e étnicas (por exemplo no Sul, Centro e Norte de Moçambique), a cerâmica parece constituir um elo de ligação entre as pessoas.

A pintura policromática, principalmente nos recipientes de mesa da cerâmica local apresenta elementos da técnica estrangeira sobre cultura local em Sofala. Segundo Dickinson (1969:7 e 1971:25) a louça incisa vermelha e preta, é produto da população indiana local. Mas para Sinclair (1985) citado por Adamowicz (1987:134) a pintura vermelha e grafite representa a tradição Suaíli, que ocorre em toda costa do Índico. Os Suaílis como povos com o modo de vida ligado a costa, poderiam ter inventado a prática de pintar as cerâmicas ou assimilado das comunidades estrangeira. Também se admite a hipótese de que a cerâmica local pintada tenha sido feita por comunidades estrangeiras mas com recurso a matéria-prima local (por exemplo, os moradores da fortaleza). Durante o século XVII, a prosperidade do comércio do marfim levou mercadores indianos até Moçambique (Newitt 1997:170), enquanto isso, os suaílis antes da penetração mercantil portuguesa haviam-se estabelecido em toda a Costa Oriental Africana.

A pintura após cozedura dos objetos da cerâmica local presume-se que tenha sido usada por motivos estéticos (embelezar os objetos), de camuflagem (esconder as cores negras e cinzentas das pastas) e de correção (corrigir o problema da falta de polimento da superfície dos recipientes, por exemplo, os pratos). Admite-se também a hipótese de que o recurso à pintura denota a tentativa de incorporar estilos da porcelana e faiança estrangeiras, que começaram a circular na região de Sofala por volta do século XV.

A grafite apenas foi usada nas superfícies externas, talvez por se tratar de material solúvel em líquidos, ou por motivos da sua economia, como matéria-prima escassa (ausente naturalmente em Sofala). O seu uso é diversificado, e por vezes não está associado a outras cores no mesmo objeto, frequentemente na zona do ombro. Outras vezes intercala o vermelho, frequentemente no bojo. Segundo Gerhard Liesegang (comunicação pessoal), a grafite foi explorada a partir do primeiro milênio d.C. no Grande Zimbabwe. Daí poderia chegar a Sofala através de trocas, ao nível do comércio terrestre regional.

Devido ao maior índice de fragmentação e deterioração das superfícies da parte significativa dos fragmentos da faiança, nem sempre é simples discernir seus motivos decorativos. Apesar disso, ainda se identificaram motivos decorativos que combinam muitos aspetos da vegetação (elementos fitomórficos, folhas de plantas, frutos) com elementos geométricos (linhas circulares, semicirculares, concêntricas, verticais, horizontais, oblíquas, formas em ziguezagues, em xadrez, constelações de pontos triângulos, hexágonos) imagens de sol ao nascer, bem como outros elementos indecifráveis. Também estes elementos podem aparecer individualizados (vd. Cap. 6, 2. f) e o anexo 2. Fotografias).

A decoração da porcelana ostenta vários modelos que consistem na associação de várias paisagens: habitações à beira do rio, com barcos, aves aquáticas e uma formação do relevo do tipo planície ou planaltos. Destes elementos acrescentam-se motivos de algumas espécies de animais, como aves diversas da terra firme, borboletas, dragões (raras vezes), imagens do sol ao amanhecer, imagens antropomórficas, bem como inscrições do alfabeto chinês na base do lado externo do objeto ou no bordo (vd. Anexo 2). Presume-se que os ceramistas ao decorar a faiança e a porcelana recriavam os diversos temas ambientais ou de paisagens que constituíam o seu quotidiano e que estariam na moda no seu tempo.

Utensílios com base anelar, convexa e plana da cerâmica local (vd anexo 2, tabela e o gráfico 7.2) presentes na Ponta de Sofala, segundo Dickinson (1969:7) são uma influência de padrões da louça Oriental sobre a população local, trazidos para Sofala por comerciantes árabes.

Atualmente, tais técnicas não são produzidos pelos ceramistas locais. A inexistência “atual” destas técnicas presume a sua ligação intrínseca com as comunidades estrangeiras em Sofala, e da resistência das técnicas locais face a novos estilos ou modelos na produção de cerâmicas. Sinclair (1987:32) assinala a ocorrência de cerâmicas de base convexa no Ibo. Esta ilha foi um estabelecimento árabe antes da presença portuguesa, portanto supõe-se que que a cerâmica com base convexa esteja intimamente associada à comunidade muçulmana em Sofala.

A ocorrência simultânea da porcelana e a cerâmica local em Sofala parece explicar a existência de intensa atividade comercial entre Ásia e Costa Oriental Africana. E a presença da faiança neste mesmo local é uma evidência adicional que explica que as atividades comerciais eram exercidas por mercadores portugueses, interligando a Europa.

As cronologias apresentadas neste trabalho a respeito da coleção em estudo estão generalizadas e expõem pouco rigor temporário, porque se baseiam na comparação das informações sobre as técnicas e os motivos decorativos de cada grupo tecnológico, com outras mesmas formas ou tipos similares previamente estudadas.

Até à segunda metade do séc. XX a cerâmica local ainda era produzida por mulheres em Sofala (Liesegang 1972:15). Atualmente é possível que esta prática ainda ocorra, ainda que raramente, devido ao maior consumo de utensílios metálicos e plásticos ao nível doméstico, como consequência do desenvolvimento tecnológico existente. As várias técnicas de incisões aparecem em Sofala a partir dos séc. XVII e XVIII a substituírem as impressões por conchas (Liesegang 1972:158) e, a pintura vermelha termina no séc. XV (Dickinson 1971) em Sofala, mas Liesegang (1972: 154 e 155) argumenta que continuou durante o período português e que todas as peças encontradas na superfície podem ser atribuídas ao século XIX.

Segundo Santos (1960) citado por Casimiro (2013:352) o estudo crono-estilístico da faiança portuguesa divide-se em quatro fases correspondentes aos quatro quartéis do séc. XVII. Casimiro (2013) divide ainda o período crono-estilístico da faiança portuguesa (1520 a 1766) em seis subperíodos: 1520 - 1570, 1570 – 1610, 1610 – 1635, 1635 – 1660, 1660 – 1700 e 1700 – 1766. Obviamente que o aparecimento de um novo estilo ou novas técnicas ao nível de produção de qualquer objeto não significa o abandono total e imediato das técnicas anteriores, havendo elementos técnicos que subsistem, enquanto outros desaparecem gradualmente dando espaço a outros novos elementos. Por exemplo Casimiro (2013:357) assinala que no terceiro período crono-estilístico (1610 – 1635) da faiança portuguesa, os

pratos são decorados por elementos que denotam influência oriental (figuras geométricas, contas, aranhões, elementos vegetais, espirais, etc. A maior partes destes mesmos elementos caracterizam também o quinto período (1660 – 1700). Portanto embora esta periodização facilite o estudo da faiança portuguesa, comporta em si o problema da separação de tipos iguais em diferentes períodos.

Relativamente à coleção em estudo, cronologicamente pode ser situada no quarto período do séc. XVII (1635 – 1660), não só porque segundo Casimiro (2013: 358) foi durante este período em que os centros de produção da faiança portuguesa começam a abastecer as colónias e os parceiros comerciais, mas também porque ao nível das técnicas e motivos decorativos deste período alguns existem semelhanças nos motivos decorativos da faiança em estudo: linhas verticais, semicírculos, linhas concêntricas, temas vegetais, espirais, contas. No XIX, ao nível crono-estilístico a faiança portuguesa é dominada pela pintura policromática, sendo que parte da faiança portuguesa da Ponta de Sofala, com algumas destas características, poderá ser deste período (vd. anexo 2, as fotos da faiança).

Ao nível da porcelana, como os mercadores portugueses após muitas dificuldades (Brook 1998:124 e Needham 1986: 369) obtiveram um tratado comercial legal com a corte Ming, durante a primeira década da segunda metade do século XVI, estabelecendo Macau como uma colónia portuguesa (Ebrey 1999:197 e Diffie *et al* (1977) e entreposto comercial, teriam começado por esta altura o comércio da porcelana Ming (1368-1644) que terá desaparecido de Sofala já no séc. XVII (Dickinson 1971:26). Liesegang (1972:154 e 158), contudo, alega que os objetos importados existentes em Sofala que ocorrem na superfície podem ser atribuídos ao séc. XIX, período em que a fortaleza foi abandonada, havendo, portanto, algumas dúvidas na atribuição cronológica daa porcelana.

Sofala como entreposto comercial, durante o período Português entrava no circuito comercial internacional, fornecendo o ouro (Carvalho 1988:79 e Newitt (1997:40), marfim (Lobato 1954, citado por Newitt 1997:40), laranjeiras (*Citrus sinensis*), e limoeiros (*Citrus limonum*), galinhas (*Gallus gallus domesticus*) e arroz (*Oryza sativa* – asiática ou *Oryza glaberina* - africana) (Dos Santos 1999:85 e 115). A Índia fornecia as especiarias (pimenta cravinho e a canela) e tecidos (Jiawei e Gyaincain 1997:1-37). As especiarias eram drenadas para a Europa, enquanto os tecido seguiam para Sofala. De Macau escoava-se a seda e a porcelana (Jiawei e Gyaincain 1997:1-37) quer para Costa Oriental Africana, quer para Europa. Em

Lisboa, a “Casa da Índia³³” administrava o monopólio da navegação e do comércio com o Oriente, mantendo a Coroa como reguladora. As importações e exportações eram garantidas pelas Companhias das Índias Orientais holandesa e inglesa (Jiawei e Gyaincain 1997:37 e Brook 1998:124 e 206).

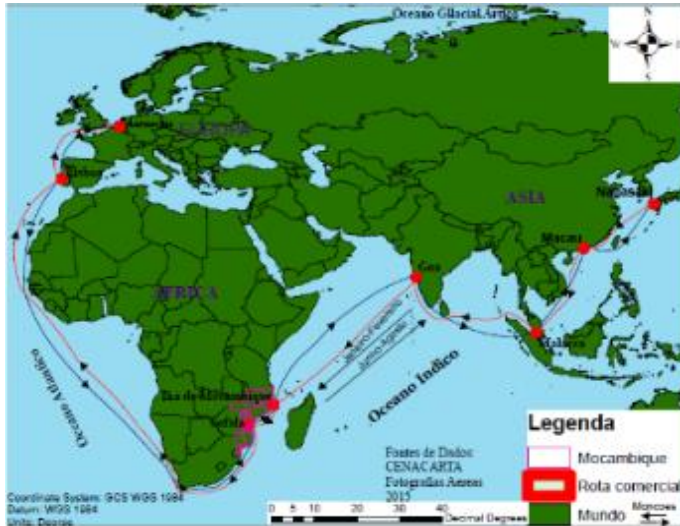


Fig. 7.2 - Rota comercial portuguesa entre Europa, Sofala e Ásia, durante os séculos XVI e XVIII.

Finalmente, após a análise dos elementos técnico-morfológicos da cerâmica de superfície da Ponta de Sofala, e que permitiu reconstruir as ligações comerciais entre Sofala, Ásia e Europa, sugerem-se futuros trabalhos que podem ser desenvolvidos no mesmo local, que incluam escavações, estudos da estratigrafia, contextos, datação absoluta das evidências, identificação dos locais de produção e de distribuição ou de consumo, proveniência da matéria-prima, de modo a obter mais dados sobre a participação desta jazida no circuito do comércio internacional.

³³ “Casa da Índia foi criada entre 1500 e 1503 para acompanhar a expansão comercial no oriente. Administrava as exportações para Goa, centro do império oriental, o desembarque de mercadorias orientais e a sua venda em Lisboa. A distribuição na Europa era feita através da feitoria portuguesa de Antuérpia (Diffie 1977:415).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adamowicz, Leonardo 1987. Projeto “CIPRIANA” 1981-1985: Contribuição para o reconhecimento da Arqueologia entre os rios Lúrio e Lingonha., província de Nampula. *In* DAA/UEM. 1987. *Trabalho de Arqueologia e Antropologia no 3*. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia.

Balme, Jane e Paterson, Alistair (Ed.). 2006. *Archaeology in practice: a student guide to archaeological analyses*. Oxford: Blackwell

Barradas, Lerenó. 1969. Estudos sobre antiga Sofala. *In Monumenta nº 5: Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais De Moçambique*. 1969. Lourenço Marques. Empresa Moderna.

Bicho, Nuno Ferreira. 2011. *Manual de Arqueologia Pré-histórica*. 2ª Ed. Rev. e Act. Lisboa: Edições 70.

Brook, Timothy. 1998. *As confusões do prazer: Comércio e a cultura na China Ming*. Berkeley: Universidade da Califórnia.

Carvalho, Sol (Coord.). 1988. *História de Moçambique: Primeiras Sociedades Sedentárias e o Impacto dos Mercadores (200/300 – 1886)*. Maputo: Departamento de História da UEM e Tempo.

Casimiro, Tânia Manuel. 2013. Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *In Revista portuguesa de Arqueologia V. 16*. Pp 351-367.

Chorão, João Bigotte (Dir.). 1999b. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de cultura*. Ed. Séc. XXI. Lisboa: Verbo.

Costa, Paulo Ferreira da. 2007. *Normas de Inventário, Arqueologia, Cerâmica utilitária*. [S. l.]: Cromotipo.

Da Costa, Inês Nogueira. 1989. No centenário da Companhia de Moçambique, 1888 - 1988. *In Inês Nogueira da Costa (Dir.). Arquivo. Boletim do arquivo Histórico de Moçambique, nº6*: Cidade da Beira. Maputo: Arquivo. 1989.

Da Costa, Mário Augusto. 1940. *Zambeze ao Paralelo 22^o: Monografia do território de Manica e Sofala sob a administração da Companhia de Moçambique*. Beira: Companhia de Moçambique

Da Mota, A. Teixeira. 1973. Cartografia antiga de Sofala. In Pedro Quirino da Fonseca. (Dir.) *Monumenta, n^o 9: Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*. Lourenço Marques: [S. e.].

De Lemos, Manuel J. C. 1989. Aruângua Chiveve ou Bângoè? Breves considerações sobre a toponímia da cidade da Beira. In: Inês Nogueira da Costa (Dir.). *Arquivo. Boletim do arquivo Histórico de Moçambique, n^o6: Cidade da Beira*. Maputo: Arquivo. 1989.

Dickinson, R. W. 1969. *Report on Sofala investigation*. [S. l.; S. e.].

Dickinson, R. W. 1970a. “*Sofala and S. African Iron Age*”. *Rhodesian* 22, July.

Dickinson, R. W. 1970b. Excavation at Sofala. In *Rhodesia Science News*, 4:12, Dec.

Dickinson, R. W. 1971. Archaeological Investigation at Nova Mambone, Moçambique. In Pedro Quirino da Fonseca (Dir.). *Monumenta, n^o 7*. Lourenço Marques, pp23-33.

Diffie, Bailey Wallys and Winius, Georg D. 1977. *Foundation of the Portuguese empire, 1415 – 1450: Europe and the world in the age of expansion*. Minnesota: Central Publishing.

Djait, H. 2010. As fontes escritas anteriores ao século XV. In: Joseph Ki-Zerbo. (Ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2^aed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992p.

Dos Muchangos, Aniceto. 1999. *Moçambique, Paisagens e Regiões Naturais*. Maputo: Tipografia Globo.

Dos Santos, Frei João. 1999. *Etiópia Oriental, e vária História de cousas notáveis do Oriente*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Manuel de Lira.

Ebrey, Patricia. 1999. *The Cambridge illustrated history of China*. Cambridge: Cambridge University Press.

ENCICLOPEDIAMIRADOR INTERNACIONAL N^o5. São Paulo: Encyclopédia Britânica. 1981.

Faiança. Disponível em <http://degrigolli.com.br/dg/?p=45>. Acessado a 17/03/2014.

Gernet, Jacques. 1962. *Daily life in China on the Eve of Mongol invasion, 1250-1276*. Stanford. Stanford University.

Gomes, João Pedro. Aspectos tecnológicos da faiança portuguesa seiscentista. Conjuntos arqueológicos de Salvador da Bahia, Brasil. In: Nuno Ferreira Bicho e António Faustino Carvalho (Coord. Ed.). 2011. *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica – JIA 2011, V. II*. Faro: NAP e Depart. de Artes e Humanidades. Pp 261-267.

Henriques, Paulo e Campos, Teresa. 2007. *Cerâmicas: Normas plásticas e artes decorativas*. [S. l.]: Instituto dos Museus e da Comunicação.

Hrbek, I. 2010. As fontes escritas a partir do século XV. In: Joseph Ki-Zerbo. (Ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2ªed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992. P.

Kipfer, Barbara Ann. 2007. *Dictionary of artefacts*. Oxford: Blackwell.

Ki-Zerbo, Joseph. 1972. *História da África Negra I*. Ed. Rer. e Act. Paris: Europa-América.

Liesegang, Gerhard. 1972. Archaeology on the Bay of Sofala. In Neville Chittick (Ed.). *Azania, n° 7*. Nairobi, pp 147 – 159.

Liesegang, Gerhard. 1989. Sofala, Beira e a Sua Zona (c. 900-1894). In Inês Nogueira da Costa (Dir.). *Arquivo. Boletim do arquivo Histórico de Moçambique, n°6*: Cidade da Beira. Maputo: Arquivo. 1989.

Luz, Adão Benvindo da e Damasco, Eduardo Camilher. 1993. *Caulim: Um mineral industrial importante*. Rio de Janeiro: CETEM/CNPq.

Mangucci, António Celso. 1995. *Olarias de louça e azulejo da freguesia de Santos-o-velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII*. Centro de Arqueologia de Almada.

Mangucci, António Celso. 1997. A pesquisa e a análise de documentos como contributo para o estudo das olarias de Lisboa. In *Actas das 3^{as} Jornadas Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*. Pp 425-433.

Masao, Fidel T. e Mutoro, Henry W. 2010. A Costa da África Oriental e as ilhas Comores. In Mohammed El Fasi (Ed.). *História geral da África, III: África do século VII ao XI*. Brasília: UNESCO, 2010, 1056 p.

Ministério da Administração Estatal (MAE). 2005. *Perfil do distrito do Búzi, província de Sofala*. Maputo: [S. e.].

Moura, Armando Reis. 1972. Barcos do litoral de Moçambique. In: Pedro Quirino da Fonseca. *Monumenta n°8*. Lourenço Marques: Comissão dos Monumentos Nacionais.

Needham, Joseph. 1986. *Science and civilization in China: Chemistry and Chemical Technology*. Taipei: Caves Books.

Newitt, Malyn. 1997. *História de Moçambique*. Paris: Europa-América.

Ogot, Allan (Ed.). 2010. *História Geral de África V. África do século XVI ao XVII*. Brasília: UNESCO.

Orton, C. e Hughes. M. 2013. *Pottery in Archaeology 2nd Ed.* Cambridge. Cambridge University.

Phillipson, David. 2005. *African Archaeology. 3rd Ed.* Cambridge: University of Cambridge.

Santos Júnior, J. R. dos. 1936. *Relatório da Missão Antropológica à África do Sul e a Moçambique: 1^a campanha – 1936*.

Santos Júnior, J. R. dos. 1944. Antropologia de Moçambique. In *Las Ciencias, de Madrid*, ano IX, n° 3. Madrid: c. Bernejo.

Sheriff, Abdul M. H. 2010. A costa da Africa oriental e seu papel no comércio marítimo. In: Mokhtar, Gamal (Ed.). *História geral da África, II: África antiga 2^a.ed. Rev.* Brasília: UNESCO, 2010.1008 p.

Sinclair, Paul J. J. 1991. Archaeology in Eastern Africa: An overview of current chronological issues. In *The Journal of African history*, V.32, n° 2, 1991, pp. 179 – 219.

Sinclair, Paul J. J. *et al.* 1993. A perspective on archaeological research in Mozambique. In Shaw T. *et al* (Ed.). *The Archaeology of Africa: Food, metals and towns*. London: Rutledge. Pp 409 – 431.

Sinclair, Paul. 1987. Um reconhecimento arqueológico do Norte de Moçambique. In DAA/UEM. 1987. *Trabalho de Arqueologia e Antropologia no 3*. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia.

Texeira, André e Bettencourt, José António. 2012. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna V. II*. Lisboa: Europress.

Wang Jia Wei and Gyaincain. 1997. *The Historical Status of China's Tibet*: Beijing: International Press.

ANEXO 1: INVENTÁRIO DA COLEÇÃO

Cerâmica local

Origem: Fortaleza de Sofala (Ponta de Sofala), distrito de Búzi

Estação: 2034, Bb3

Nº Invet.	Tipo de frag.	Grupo tecnol.	Diâmet. Abertura (mm)	Forma	Execução	Mod. Cozed.	Revest.	Decoração	Cor da pasta	Cor da superf.	Esp. máx. (mm)	Com pri. (mm)	Largura (mm)
1	Bordo	C. local africana	18	Esferica	Modelagem	Fogueira	não	não	Cinzenta	Cast/Claro	8.3	109.53	74.56
2	"	"	19	"	"	"	"	"	"	"	11.8	81.7	60.02
3	"	"	240	"	"	"	"	"	Preta	Cast/preto	12.51	115.63	93.19
4	Base	"	Inexist	semi-elipsoide	"	"	"	"	"	Cinzel/preto/castanho	13.6	99.6	77.4
5	"	"	140	"	"	"	"	"	Cinzenta	Cast/Cinz	8.72	78.68	64.28
6	"	"	260	hemisférica	Tor./ráp.	Oxid.	"	"	Cast/Verm.	Verm.	5.75	94.5	36.78
7	Bojo	"	140	"	Tor./lent.	Fogueira	"	"	Cast.	cast./cinz.	7.46	124.13	77.2
8	Bordo	"	100	"	Modelagem	"	"	"	Cinzenta	cast. Claro	6.85	88.11	74.45
9	"	"	140	"	"	"	pintado	"	"	cast.	4.55	115.49	70.77
10	"	"	220	"	"	"	pint/entr	"	Escura	cinzeta	6.6	86.19	65.27
11	"	"	150	"	"	"	não	"	"	preta	6.67	70.56	63.65
12	Bojo	"	140	"	"	"	"	"	"	pret/cast.	8.25	110.54	97.18
13	Bordo	"	210	"	"	"	"	"	"	cast/claro	7.41	51.31	39.59
14	"	"	110	"	"	"	"	"	"	cast/escu	7.81	40.1	42.59

										ra		7	
15	"	"	Indeter		"	"	"	"	"	amarel/escu	8.75	45.82	42.27
16	"	"	170	"	"	"	"	"	"	escura/amarel	7.13	109.26	72.25
17	"	"	125	"	"	"	"	"	"	escura	5.36	81.46	72.26
18	Bojo	"	220	Elipsoide	"	"	"	"	"	escura	8.46	175	11.52
19	bordo	"	200	esferica	torono/leno	"	"	"	"	cinz/cast	11.49	80.3	39.09
20	"	"	160	ovoide	Modelagem	"	"	"	Cast/Verm.	Verm.	11.35	123.61	93
21	base	"	Inexist	trancoconica	torno rap.	Oxid.	pint/vidrad.	"	Cinzenta	cinzenta	19.92	104.08	92.2
22	Bordo	"	160	esferica	Modelagem	Fogueira	não	"	cast.	Cast/Cinz	7.25	56.39	42.08
23	"	"	160	ovoide	"	"	"	"	castanha	Verm.	9.23	99.49	56.8
24	"	"	240	esferica	"	"	"	"	Escura	escur/cast	7.93	70	54.86
25	"	"	160	"	"	"	"	"	Cinzenta	castanha	7.4	64.36	43.51
26	"	"	150	"	"	"	"	"	escuras	cinz/amarel.	6.99	49.81	37.44
27	"	"	180	"	"	"	"	"	Cinzenta	Verm.	7.02	56.28	24.71
28	Base	"	Inexist	hemisferica	"	"	"	"	cinz/cast.	cinz/cast	8.1		
29	"	"	"	trancoconica	"	"	"	"	cast.	cast/escura	8.15		
30	"	"	"	"	"	"	"	"	cinzet	cinzet	8.7		
31	"	"	"	"	"	"	"	"	Preta/cast	cor-de-laranj	7.81		
32	"	"	"	"	"	"	"	"	Preta/cast	cinz	21.65		
33	"	"	"	"	"	"	"	"	cinzeta	cizenta	11.3		
34	"	"	"	"	"	"	"	"	preta	cinzeta	21.65		
35	"	"	"	"	"	"	pintado	"	"	cast/claro	7.25		
36	"	"	"	"	"	"	Engo	"	"	amarelo	7.14		

							be							
37	"	"	"	trancoc onica	"	"	não	"	cinzeta	Verm.	8.34			
38	"	"	"		"	"	"	"	castanh a	verm/cl aro	16.6 6			
39	"	"	"		"	"	"	"	cinzeta	cinz/cast				
40	"	"	"		"	"	"	"	"	amarel/cl aro				
41	"	"	"		"	"	"	"	cast/esc u	cinzet				
42	"	"	"		"	"	"	"	preta	cast/cl aro				
43	"	"	"		"	"	"	"	cast	verm/cas t				
44	"	"	"		"	"	"	"	preta	Cast/Cin z				
45	"	"	"		"	"	"	"	"	cinzeta				
46	"	"	"		"	"	"	"	"	cinzeta				
47	"	"	"		"	"	"	"	"	cast/cl aro				
48	"	"	"		"	"	"	"	"	cinzeta				
49	"	"	"		"	"	"	"	"	casta/cl aro				
50	"	"	"		"	"	"	"	cinzet/c as	"				
51	"	"	"		"	"	engo b/den tr	"	cinzeta	"				
52	"	"	"		"	"	não	"	cinzeta	"				
53	"	"	25	cilindri ca	"	"	pinta do	"	preta	verm/cas t				
54	bordo a base	"	260	prato	"	"	"	"	cinzeta	amar. Int e verm. ext.	8.34	140. 95	117.51	
55	bordo	"	120		"	"	"	"	"	amarel/p reta	8.54	57.4 8	44.99	
56	bordo	"	250	prato	"	"	"	"	"	verm. Dentr e cast.clar ofora	8.71	145. 92	60.14	
57	"	"	Indeter .		"	"	"	"	"	verm	7.23	42	20.76	

58	Indeter .	"	Inexist	"	"	"	não	"	"	cinz	9.89	54.35	29.28
59	dordo a bojo	"	170	esferica	"	"	"	incisão	"	"	5.86	113.16	112.64
60	bordo	"	250	prato	"	"	pintado	não	cast	verm. Int e cast. Ext.	6.72	90.52	60.03
61	"	"	160	"	"	"	"	"	cinzeta	verm	70.4	63.93	63.18
62	"	"	280	"	"	"	pintado	"	"	pret.int e cast. Ext	7.97	76.95	60.26
63	bordo a base	"	170	tacho	"	"	não	"	preta	preta	9.49	88.23	67.53
64	bordo	"	Indeter .	"	"	"	pintado	"	cinzeta	verm	6.95	50.95	32.69
65	bordo	"	160	hemisferica	"	"	"	incisão /inter.	preta	verm/preta/cast	6.64	70.88	64.57
66	"	"	180	"	"	"	"	Não	preta	verm/preta	6.2	71.8	43.98
67	bordo a base	"	190	prato	"	"	não	"	cinzeta	preta/cast	8.03	120.53	93.04
68	bordo	"	180	prato	"	"	pintado	não	cast	cast/verm	7.01	75.3	48.32
69	bojo	"	Inexist	"	"	"	não	"	"	pret/cast.	7.76	125.23	85.99
70	bordo a base	"	Indeter .	Elipsoide	"	"	"	"	preta	"	5.47	68.84	47.07
71	bordo	"	160	hemisferica	"	"	"	"	castanha	cast	7.22	77.04	65.69
72	"	"	140	"	"	"	"	"	cinzeta	Cast/Cinz	8.89	71.16	67.48
73	"	"	250	colote	"	"	pintado	não	"	cast	8.59	88.22	71.13
74	"	"	250	"	"	"	não	"	"	"	7.63	88.24	73.22
75	"	"	270	esferica	"	"	"	"	preta	cast/preta	6.13	82.62	73.82
76	almofariz	"		retangul.	Modelagem	"	"	"	Cast/Verm.	verm	28	300	150
77	bordo	"	115	esferica	"	Fogueira	"	impresao	preta	cast/preta	10.94	53.43	47.04
78	"	"	140	"	"	"	"	incisão	"	cast	5.66	93.77	51.2

79	"	"	79	"	"	"	"	não	"	verm	8.77	61.4 2	57.03	
80	bojo	"	Indeter .	"	"	"	"	pinta do	incisão	"	verm/cast	8.02	92.1 8	84.11
81	bordo	"	210	"	"	"	"	não	impresao	"	preta	6.7	110. 74	75.04
82	"	"	300	"	"	"	"	"	incisão	"	cinz/cast	9.38	83.7 2	75.21
83	bojo	"	Indeter .	"	"	"	"	"	incisão p. cozed	"	preta	6.66	90.5 1	79.62
84	bordo	"	100	"	"	"	"	"	incisão	cinzeta	cast	9.83	41.2 4	36.52
85	"	"	180	"	"	"	"	"	impresao	verm/cast	verm/cinz/cast	7.18	124. 64	51.68
86	"	"	220	"	"	"	"	"	não	cinzeta	cast	7.08	60.5 5	59.83
87	"	"	220	"	"	"	"	"	incisão /inter.	preta	cast/preta	6.71	126. 4	89.73
88	"	"	200	"	"	"	"	"	incisão /ext	cinzeta	cast	7.18	89.5 2	58.42
89	"	"	Indeter .	"	"	"	"	"	incisão /ext	cinzeta	cast	7.7	81.8 2	70.57
90	"	"	190	"	"	"	"	"	impresao	cast	cast	8.97	86.5 8	82.2
91	"	"	140	"	"	"	"	"	"	preta	verm	8.32	88.7 5	85.52
92	"	"	Indeter .	semi-esf	"	"	"	"	incisão	verm	"	11.1 2	54.4 1	51.09
93	"	"	310	"	"	"	"	"	plastica	cinzet/cas	"	16.4	62.9 9	50.76
94	"	"	220	esferica	"	"	"	"	incisão	cinzeta	cast/preta	8.48	123. 58	101.17
94	"	"	190	"	"	"	"	"	incisão p. cozed	preta	preta	7.52	57.1 7	55.56
96	"	"	140	"	"	"	"	"	impresao	"	"	9.31	82.1 3	66.83
97	"	"	210	"	"	"	"	"	incisão	preta	cast	6.96	151. 19	104.83
98	"	"	Indeter .	"	"	"	"	"	incisão	cinzeta	"	9.91	77.8 8	51.11
99	Indeter .	"	Indeter .	Indeter .	"	"	"	pinta do	incisão /inter.	cinzeta	cast/preta	8.64	54.9 7	43.13

100	bordo	"	220	esferica	"	"	não	incisão	cinzeta	cast	9.43	141.85	82.05
101	"	"	120	"	"	"	"	impresao	preta	preta/cast	9.15	70.6	57.83
102	"	"	Indeter.	Indeter.	"	"	pintado	incisão	preta	preta/cast	8.01	73.99	50.81
103	"	"	100	esferica	"	"	não	impresao	cinzeta	Cinzel/castanho	7.11	63.06	43.29
104	"	"	85	semi-elipsóide	"	"	"	incisão	"	cast	7.93	56.13	42.46
105	"	"	180	esferica	"	"	"	incisão	preta	preta	8.8	69.07	38.29
106	"	"	Indeter.	"	"	"	"	impresao	cast/cinza	cast/preta	9.26	110.29	79.75
107	"	"	160	"	"	"	pintado	incisão	preta	pret/cast.	10.63	119.96	70.57
108	"	"	160	"	"	"	não	"	cinzeta	cast/preta	6.67	74.62	69.18
109	"	"	190	"	"	"	"	incisão	preta	"	8.92	66.2	55.94
110	"	"	150	"	"	"	"	não	"	"	7.59	70.08	69.05
111	"	"	Indeter.	ovoide	"	"	"	incisão	"	"	9.32	73.52	73.05
112	"	"	170	esferica	"	"	"	"	cast	"	8.79	97.9	56.54
113	Indeter.	"	Indeter.	Indeter.	"	"	"	"	cinzeta	cast	8.47	50.59	38.81
114	bordo	"	"	esferica	"	"	"	"	cinzeta	cinzeta	6.73	69.29	58.95
115	"	"	"	"	"	"	"	"	preta	cast/preta	7.19	71.14	67.56
116	"	"	280	"	"	"	"	não	cast	castanha	7.14	80.02	41.76
117	"	"	150	semi-elipsóide	"	"	"	"	cast/preta	casta/preta	8.12	86.18	63.79
118	bojo	"	Indeter.	Indeter.	"	"	"	incisão	cinzeta	cast	9.81		45.53

Faiança

Nº Inv et.	Tip o de fra g.	Grupo tecnol .	Diâm et. Abert ura (mm)	For ma	Execu ção	Mod. Coze d.	Rev est.	Decoraç ão	Cor da pasta	Cor da superf.	Esp . má x. (m m)	Com pri. (mm)	Larg ura (mm)
119	bas e	faiança	indet er.	prat o	Torno Rápido	oxida nte	vidra do	pinta. Int	branc a	branc a	7.4 7	190	129. 82
120	bor do	"	220	"	"	"	"	"	"	"	7.1 7	66.5 9	66.6 5
121	bor do a bas e	"	200	"	" Roda do oleiro	"	"	"	cast/c laro	"	8.2 2	99.1	96.6 6
122	bas e	"	indet er.	"	" Torno Rápido	"	"	"	braca	"	4.7 2	75.4 2	70.3 7
123	bor do	"	190	"	"	"	"	"	"	"	6.0 3	91.6 7	46.2 5
124	"	"	220	"	"	"	"	"	"	"	6.5 5	64.1 6	34.1
125	"	"	210	"	"	"	"	pinta.in t/ext	"	"	7.7 1	74.6	52.4 1
126	bas e	"	indet er.	"	"	"	"	"	"	"	5.3 3	77.6 3	58.7 8
127	bor do a bas e	"	210	"	"	"	"	não	"	"	5.3	77.9 2	63.8 8
128	bor do	"	70	semi -esfer ica	"	"	"	pinta.in t/ext	"	"	3.1 5	51.3	46.9 5

129	"	"	150	"	"	"	"	"	"	"	4.4 1	121. 23	58.6 6
130	"	"	210	prat o	"	"	"	pinta. Int.	"	"	5.6 8	96.8 6	5.88
131	"	"	260	"	"	"	"	"	"	"	7.3 3	84.6 2	60.5 3
132	"	"	330	"	"	"	"	"	"	"	5.5 5	109. 7	70.4 6
133	"	"	180	"	"	"	"	não	"	"	3.3 8	69.0 1	48.7 5
134	"	"	130	semi- esfer ica	"	"	"	não	"	"	7.9 5	88.4 7	39.6 8
135	bas e	porcel ana	indet er.	"	"	"	"	pintado	"	"	4.6 3	69.1 5	69.0 9
136	"	faiança	290	prat o	"	"	"	pinta. Int	"	"	5.8 1	58.6 4	55.4 6
137	"	"	200	"	"	"	"	"	"	"	6.8 5	59.9 6	46.9 1
138	bor do	"	220	"	"	"	"	"	"	"	5.0 6	57.5 3	50.3 6
139	"	porcel ana	250	tigel a	"	"	"	"	"	"	7.1	82.0 3	45.0 8
140	"	faiança	indet er.	prat o	"	"	"	"	"	"	5.4 9	69.1 9	42.8 8
141	"	"	140	semi- esfer ica	"	"	"	"	"	"	4.8 3	60.3 9	39.2
142	"	"	130	indet er.	"	"	"	"	"	"	6.2 9	44.1	40.3 7

Porcelana

Nº Invet.	Tipo de frag.	Grupo tecnol.	Diâmet. Abertura (mm)	Forma	Execução	Mod. Cozed.	Revest.	Decoração	Cor da pasta	Cor da superf.	Esp. máx. (mm)	Compr. (mm)	Largura (mm)
143	base	Porcelana	indet.	prato	Torno rápido	oxidante	vidrado	pinta. Int/ext	branca	branca	5.15	72.71	69.3
144	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	7.2	74.35	58.72
145	bordo	"	120	semi-esférica	"	"	"	"	"	"	3.92	49.9	40.97
146	base	"	indet.	"	"	"	"	"	"	"	8.47	140.69	66.93
147	indet.	"	"	indet.	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	13.31	67.74	46.98
148	borda base	"	140	pires	"	"	"	pinta. Int/ext	"	"	4.95	128.16	67.55
149	base	"	indet.	"	"	"	"	"	"	"	3.51	95.02	58.27
150	borda base	"	120	pires	"	"	"	"	"	"	2.66	82.23	57.73
151	"	"	indet.	semi-esférica	"	"	"	"	Branca /cast.	"	5.92	115.5	86.77

152	bodo	"	200	indet er.	"	"	"	pinta. Int	branca	"	5.14	33.98	32.87
153	"	"	180	semi-esferica	"	"	"	pinta. Int	"	"	7.2	66.18	61.4
154	base	"	indet er.	"	"	"	"	repuxada	"	"	4.65	81.55	58.84
155	"	"	"	indet er.	"	"	"	pinta. Int/ext	"	"	7.69	57.93	46.15
156	"	"	"	semi-esferica	"	"	"	"	"	"	5.22	98.31	39.47
157	"	"	"	indet er.	"	"	"	"	"	"	7.53	62.07	52.4
158	"	"	"	"	"	"	"	pinta. Int	"	"	7.1	73.05	62.57
159	bordo	"	285	semi-esferica	"	"	"	pinta. Int/ext	"	"	5.82	97.37	63.17
160		Base	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. Int	"	6.93	70.95	40.85
161		bordo a base	"	150	"	"	"	"	pinta. Int/ext	"	4.37	97.35	82.4
162		Base	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. Ext.	"	7.82	91.6	37.69
163	base	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	7.82	91.6	37.69
164	bordo	"	"	"	"	"	"	repuxada e pinta. Ext/in	"	"	5.28	58.7	51.58

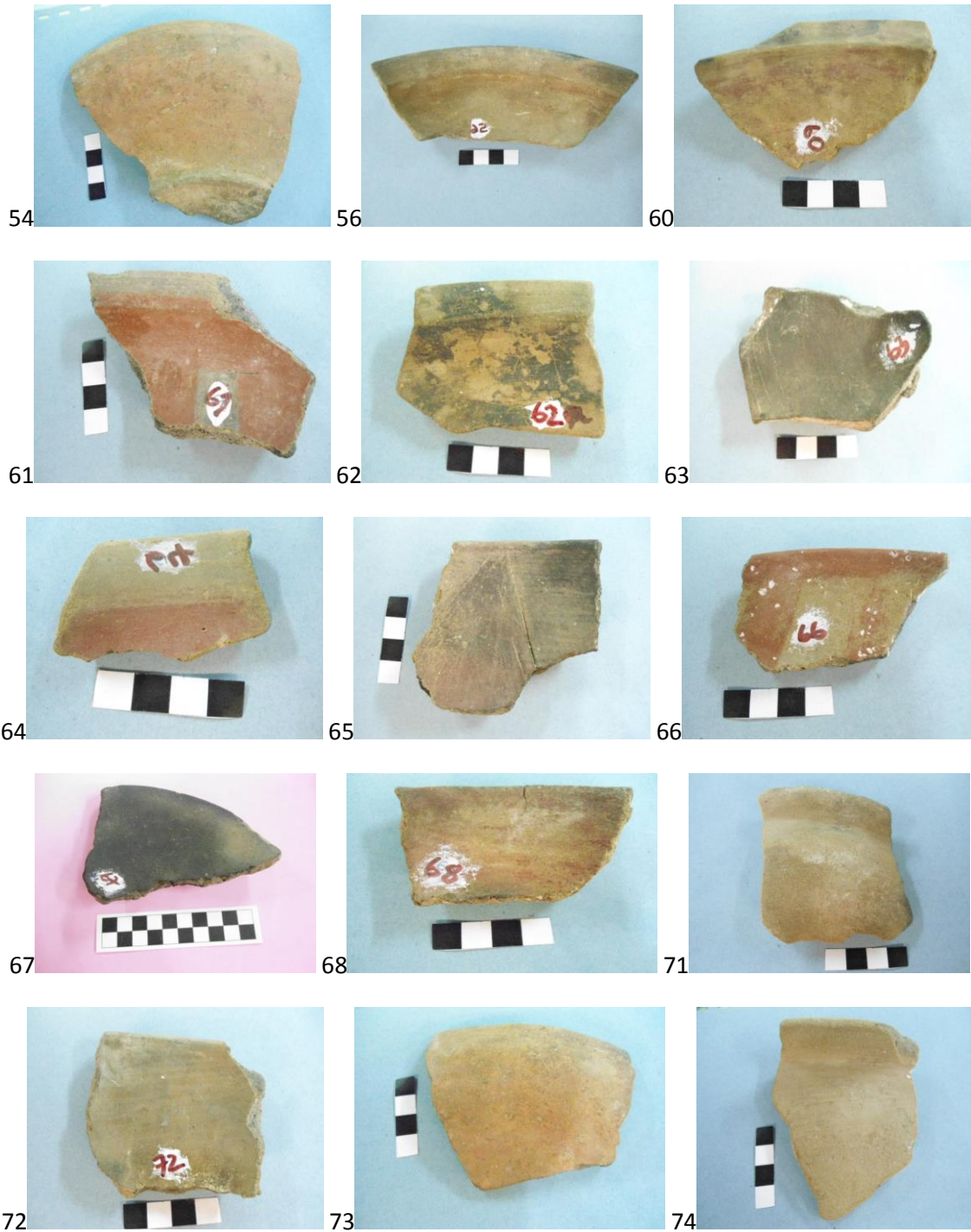
								t					
165	base	"	"	indet er.	"	"	"	pinta. Int/ext	"	"	7.85	69.17	53.43
166	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	4.47	85.18	42.4
167	bojo a base	"	"	semi-esferica	"	"	"	"	"	"	4.22	55.85	36.96
168	base	"	"	"	"	"	"	"	"	"	4.42	70.87	36.51
169	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	5.6	60.2	60.14
170	bor da	"	"	indet er.	"	"	"	pinta. Int	"	"	2.96	53.47	33.2
171	"	"	210	"	"	"	"	"	"	"	5.53	63.73	51.59
172	"	"	140	"	"	"	"	"	"	"	4.83	48.31	42.85
173	bojo a base	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. int/ext	"	"	7.31	65.81	58.2
174	"	"	180	"	"	"	"	"	"	"	5.99	86.9	60.02
175	bor do	"	"	"	"	"	"	"	"	"	4.25	79.31	32.89
176	"	"	"	cilin drica	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	8.44	72.65	22.55
177	bojo a base	"	indet er.	semi-esferica	"	"	"	pinta. Int	"	"	3.88	50.54	48.5

178	base	"	"	"	"	"	"	pinta. Int/ext	"	"	4.32	77.93	52.34
179	"	"	"	"	"	"	"	repuxada e pinta. Ext/int	"	"	4.4	71.21	39.41
180	bojo	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	6.89	64.78	54.82
181	indet er.	"	"	indet er.	"	"	"	"	"	"	13.62	71.37	39.77
182	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	13.62	71.37	39.77
183	bico de bule	"	"	cilindrica	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	6.83	20.35	60
184	bse	"	"	semi-esferica	"	"	"	repuxada, pinta. Inte/ext	"	"	3.8	71.05	45.48
185	"	"	"	"	"	"	"	pinta. Int/ext	"	"	5.12	63.3	43.28
186	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	7.25	53.74	39.21
187	"	"	"	indet er.	"	"	"	"	"	"	11.38	109.87	59.2
188	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	6.55	76.55	32.55
189	"	"	"	"	"	"	"	pinta. Int	"	"	6.27	76.88	44.22
190	"	"	"	"	"	"	"	pinta-int/ext	"	"	4.36	59	44.57

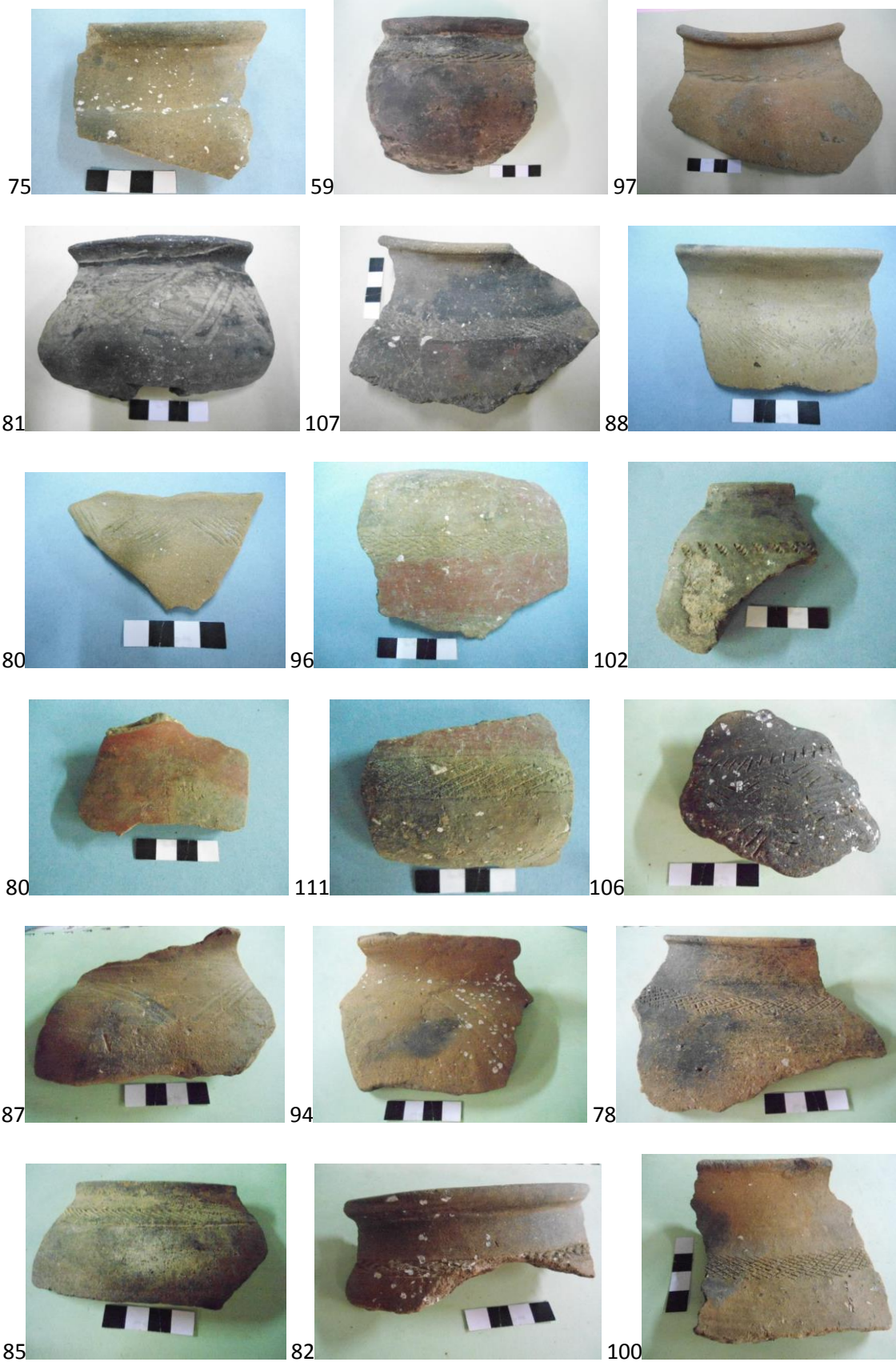
19	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	4.4	59.0	46.9
1	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	8	8	2
19	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	5.8	56.5	47.4
2	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	1	3	4
19	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	11.	58.2	36.1
3	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	9	6	6
19	"	"	"	"	"	"	"	não	"	"	8.0	100.	90.4
4	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	6	76	4
19	"	"	"	"	"	"	"	repuxada, pinta.	Inte/e	"	6.5	93.3	76.1
5	"	"	"	"	"	"	"	xt	"	"	9	4	4
19	"	"	230	semi- esferica	"	"	"	pinta.	Int/ex	"	4.4	86.6	63.0
6	"	"	"	"	"	"	"	t	"	"	3	4	8
19	"	"	270	"	"	"	"	"	"	"	8.1	134.	89.4
7	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	5	47	1
19	"	"	indet er.	indet er.	"	"	"	"	"	"	8.3	91.4	54.1
8	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	6	5	9
19	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	3.0	90.4	42.6
9	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	8	4	7
20	"	"	"	"	"	"	"	não	"	"	8.9	55.8	55.1
0	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	7	4	4
20	"	"	"	250	"	"	"	"	"	"	3.6	70.4	61.4
1	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	9	9	
20	base	Base	"	indet er.	indet er.	"	"	"	"	"	4.7	60.8	55.1
2	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	6	5	3
20	bor do	Bord o	"	205	"	"	"	"	pinta. Int	"	3.4	48.3	45.9
3	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"		9	
20	base	Base	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. Int/ext	"	6.6	80.2	61.7
4	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	5	7	5
20	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	5.9	73.3	62.5
"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"			

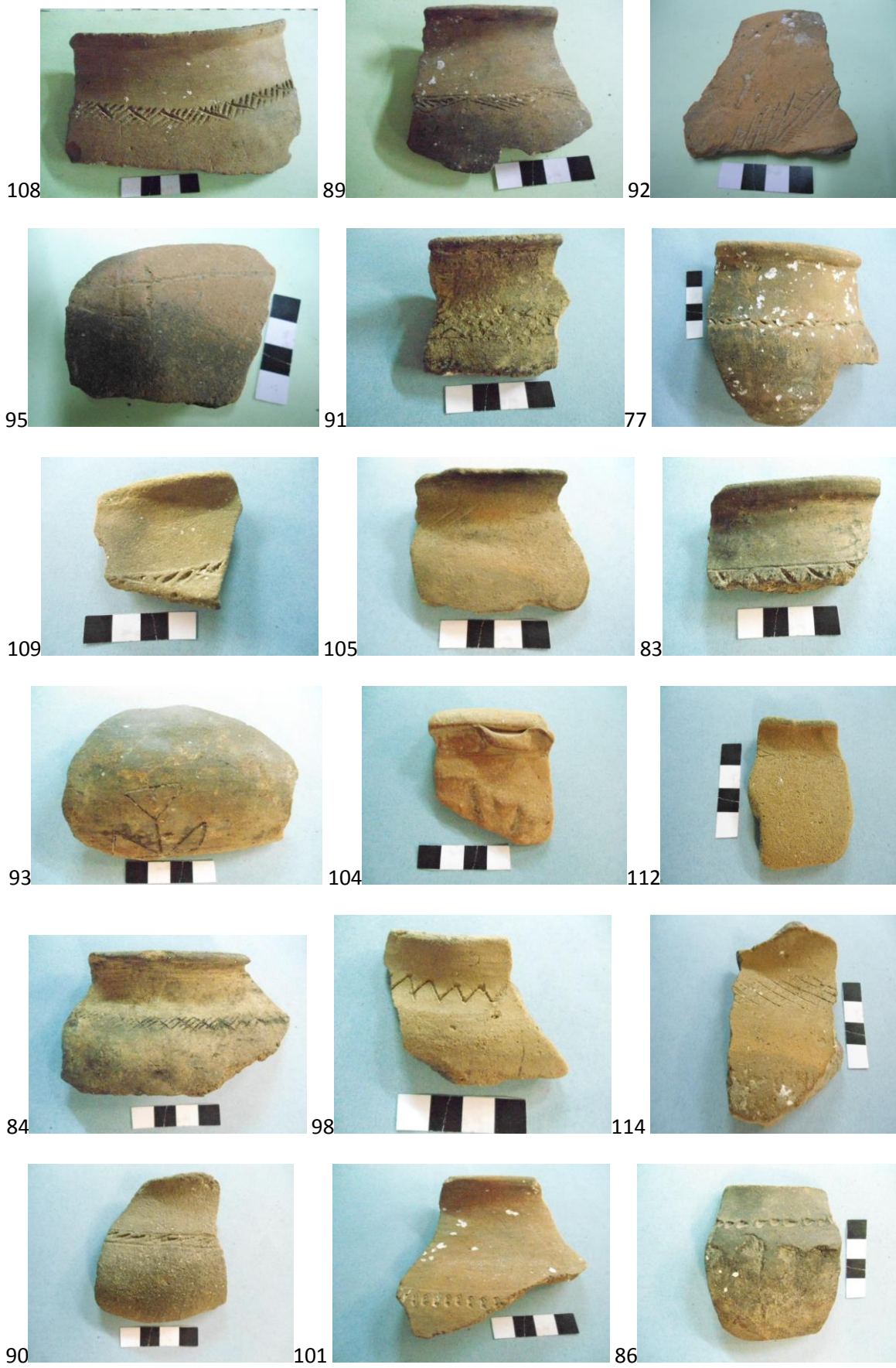
5											8	4	6
206	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"	6.48	102.85	53.91
207	bor do	"	50	cilin drica	"	"	"	nã	"	"	8.56	59.47	46.39
208	inde ter.	"	indet er.	"	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	6.2	64.72	46.75
209	bas e	"	"	semi - esfer ica	"	"	"	pinta. Int.	"	"	6.29	70.5	47.19
210	bor do a bas e	"	"	"	"	"	"	pinta. Ext.	"	"	6.05	90.27	57.44

Anexo 2: Fotos da coleção
Bordos dos pratos da cerâmica local



Bordos dos potes da cerâmica local



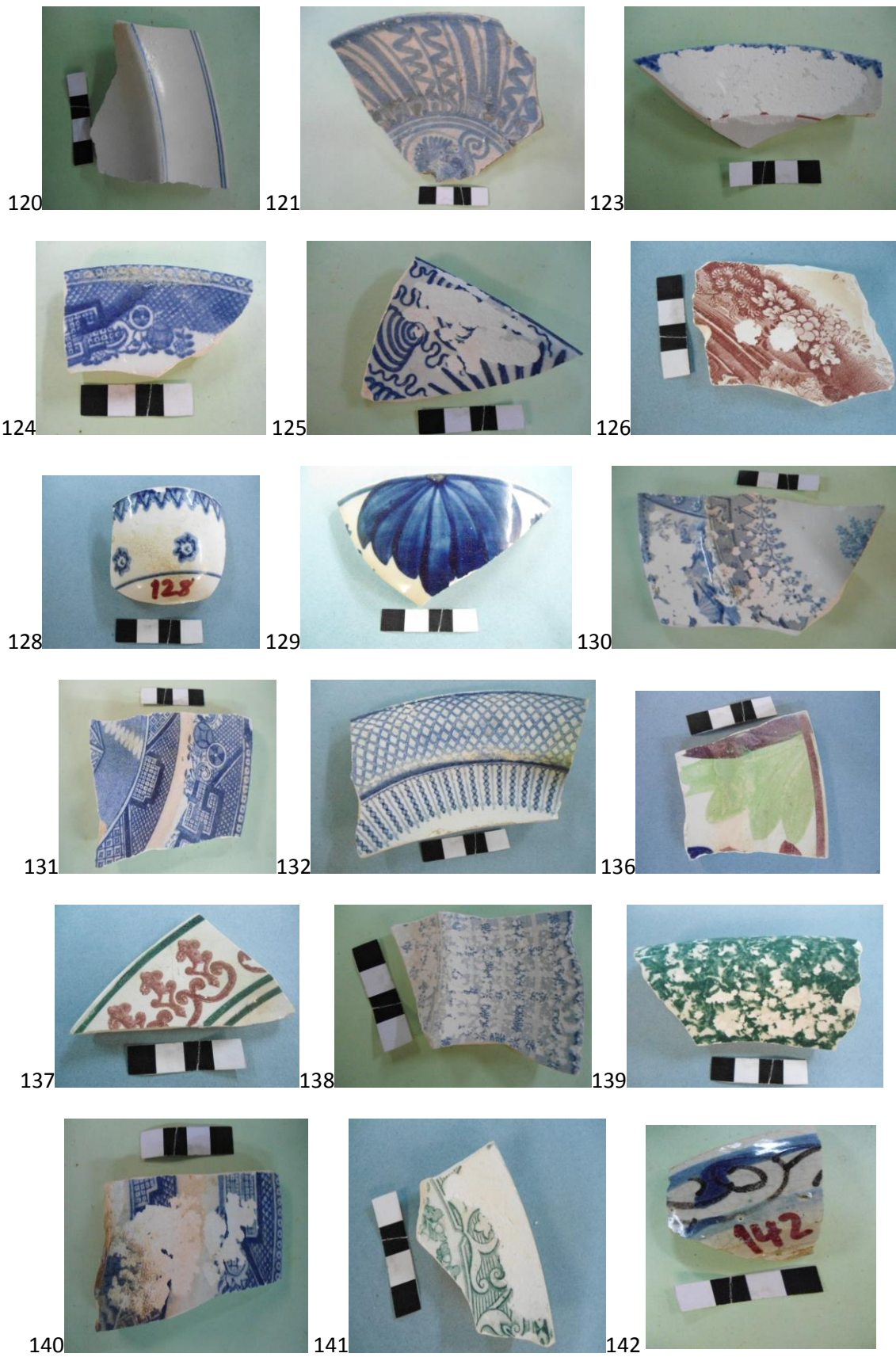


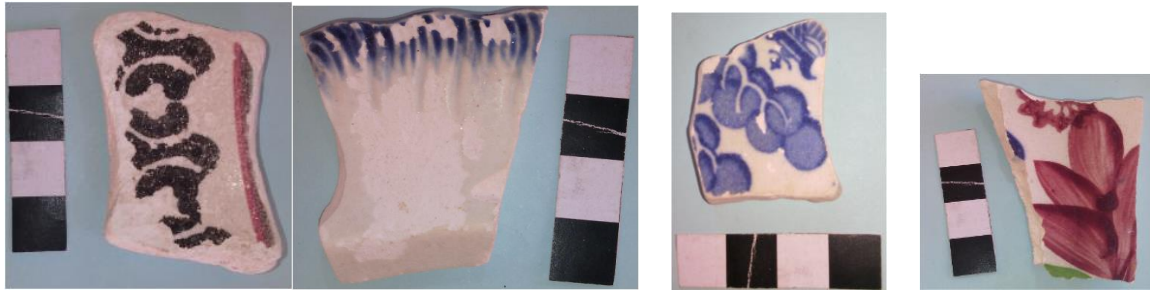
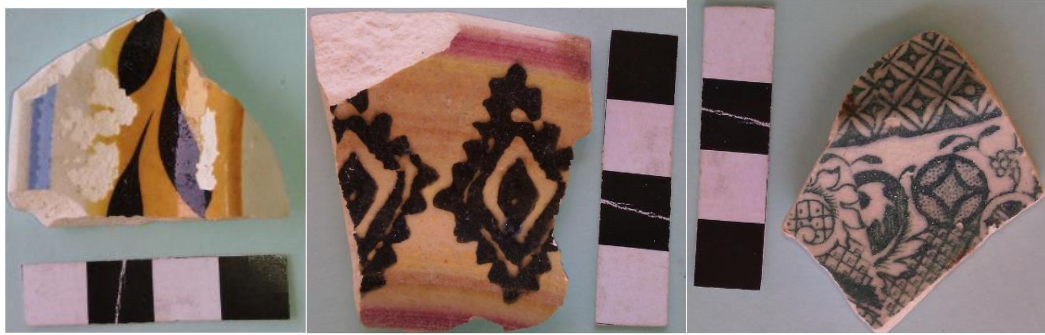


Bases da cerâmica local



Bordos da faiança

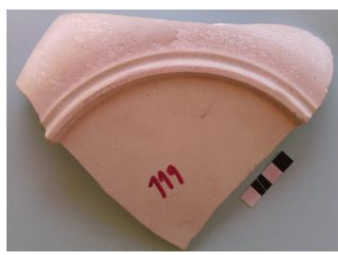




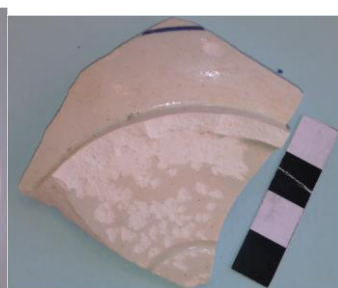
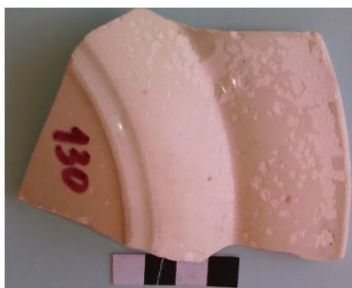
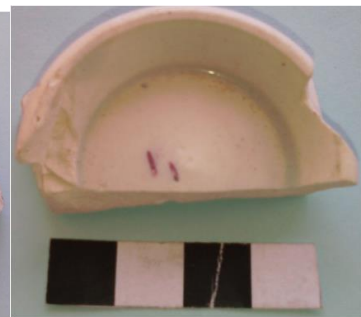
Bases da faiança



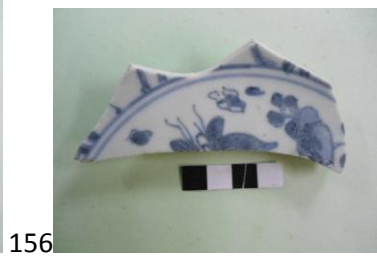
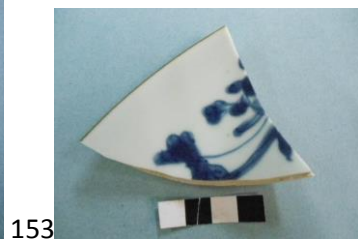
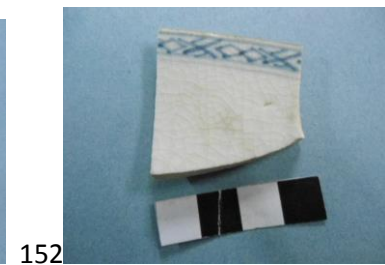
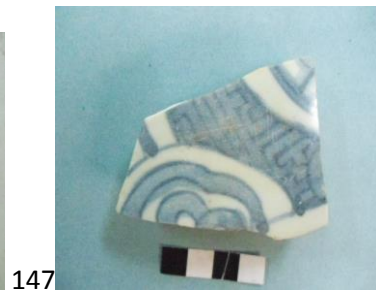
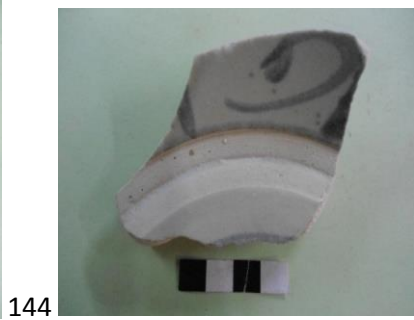
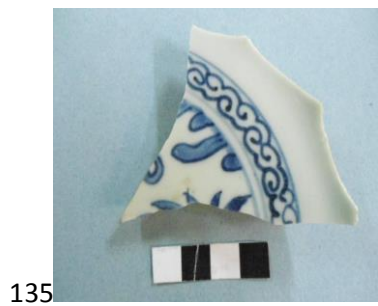
111

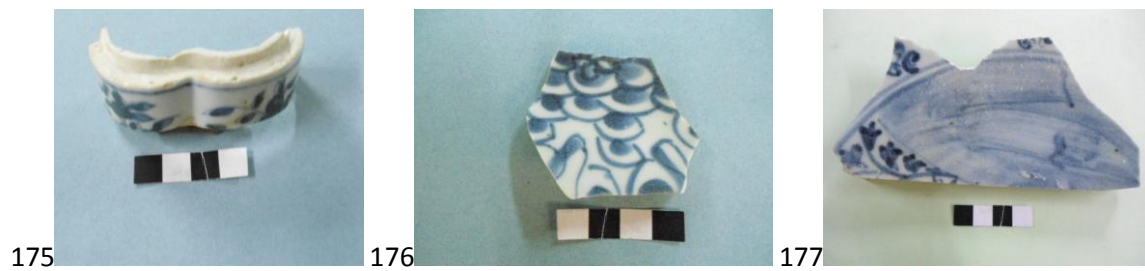
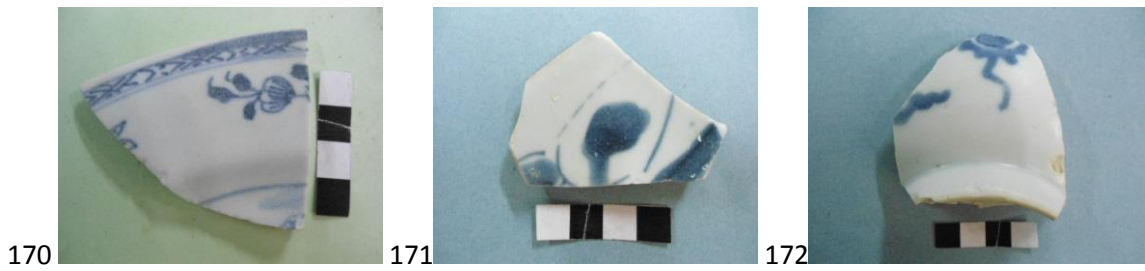
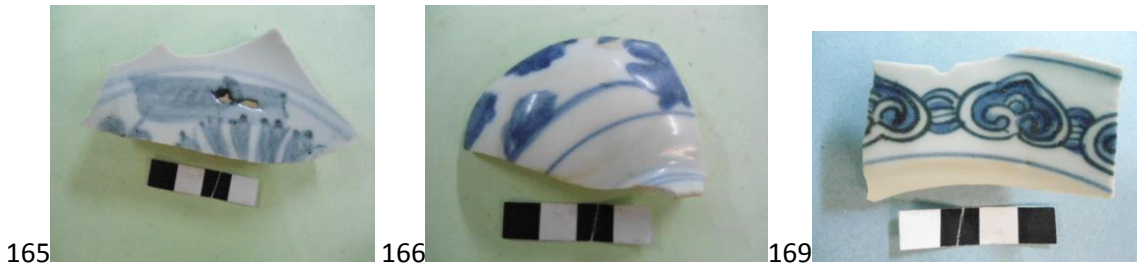
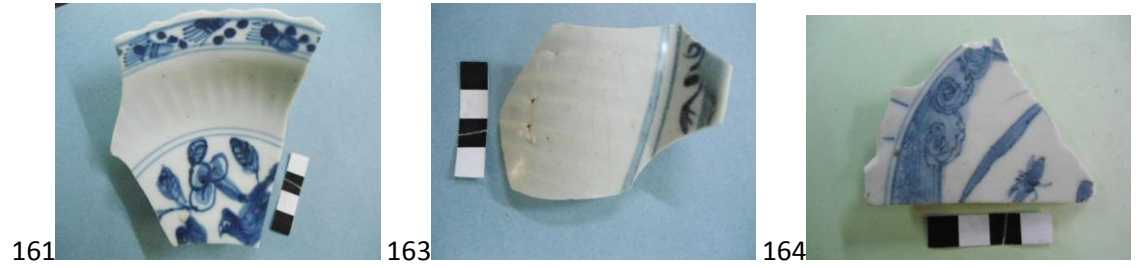


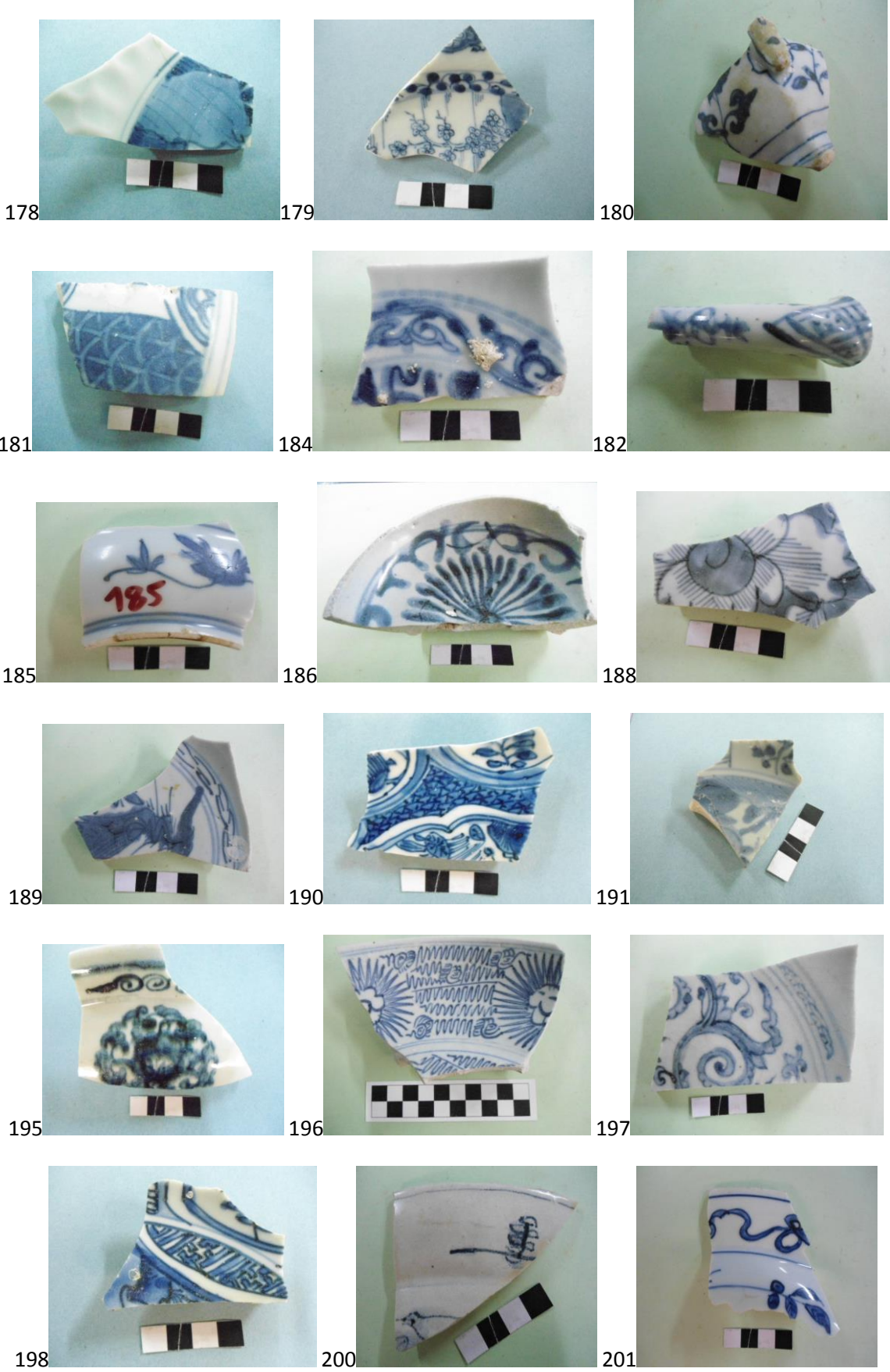
122



Bordos da Porcelana







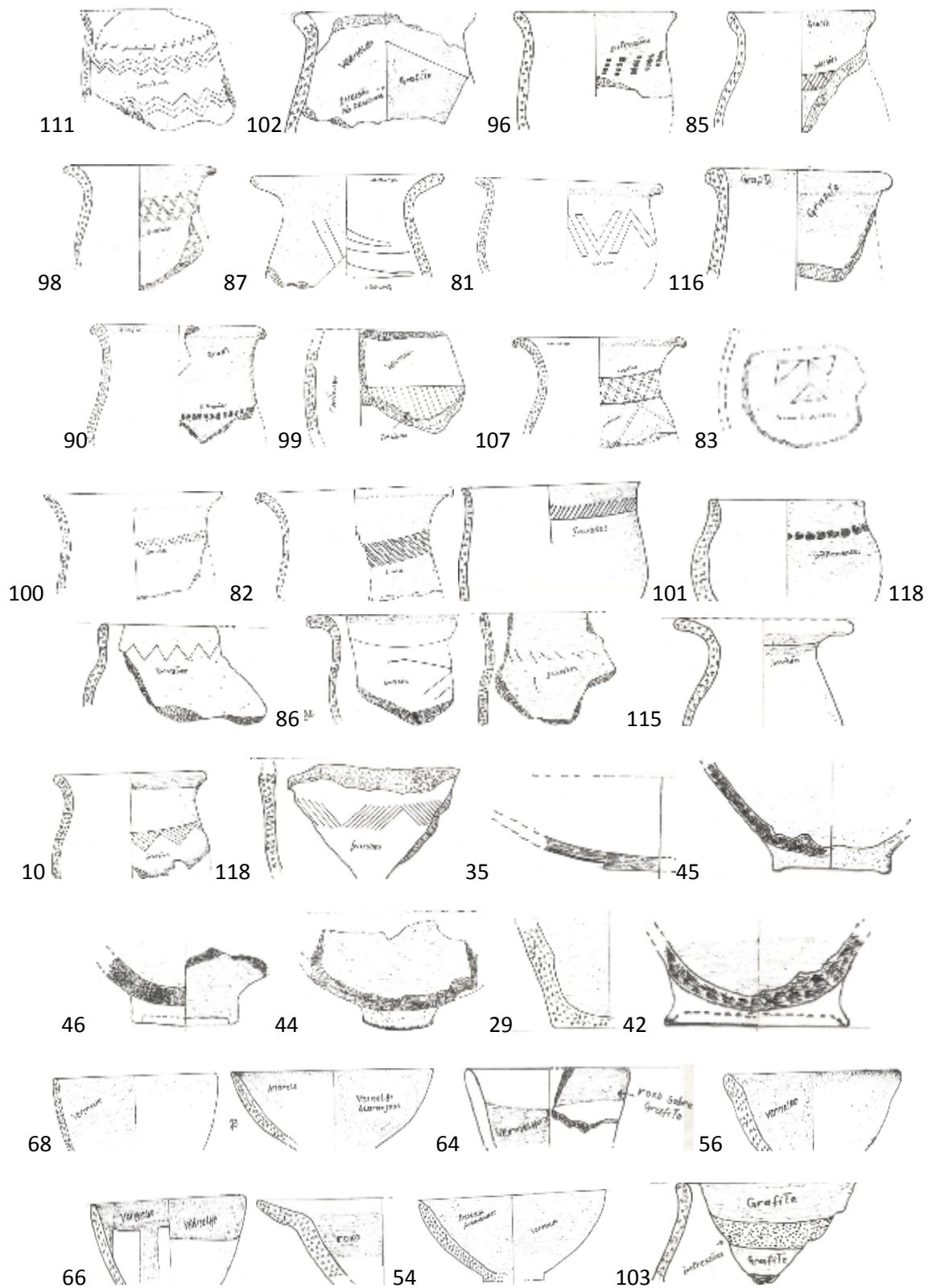


Bases da porcelana





Anexo 3: Desenhos Da Cerâmica Local

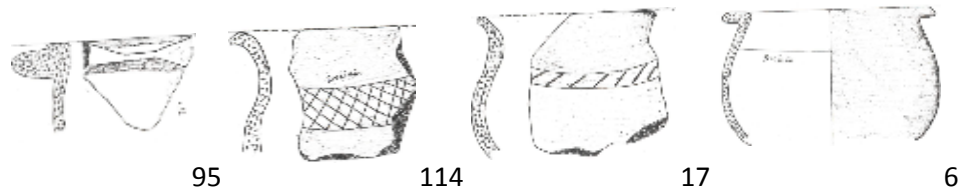




104

89

91



95

114

17

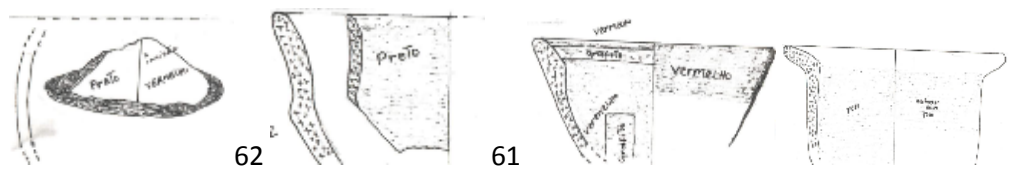
6



109

93

94



62

61



60

65

63